



## A extensão do bairro

Continuidade morfológica e fenomenológica no Alto de Santo Amaro

Projecto final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitectura,  
Mestrado Integrado em Arquitectura

Catarina Pereira (Licenciada)

Orientador científico : Doutor Daniel Santos de Jesus

Presidente do Jurí : Professor Doutor João Cabral

Arguente : Professora Doutora Ana Marta Feliciano

Documento Final. Outubro, 2016





## A extensão do bairro

Continuidade morfológica e fenomenológica no Alto de Santo Amaro

Projecto final para a obtenção do grau de Mestre em Arquitectura,  
Mestrado Integrado em Arquitectura

Catarina Pereira (Licenciada)

Orientador científico : Doutor Daniel Santos de Jesus

Presidente do Jurí : Professor Doutor João Cabral

Arguente : Professora Doutora Ana Marta Feliciano

Documento Final. Outubro, 2016





## Resumo

É sobre a averiguação da *ideia de bairro* enquanto unidade morfológica compositiva da cidade que se desenvolve a presente investigação. Para além de corresponder a uma divisão administrativa do território, o bairro surge manifestamente amarrado a componentes de ordem social, política, económica e arquitectónica.

Esta investigação surge com base no confronto entre vivências experienciadas pela autora em dois contextos urbanos distintos: num bairro consolidado da cidade de Barcelona de forma temporária e na residência permanente numa área periférica da cidade de Lisboa. É neste sentido, que se defende a importância de territórios que ainda suportem uma ilusiva atmosfera de bairro (com as vivências que lhe correspondem), o que se crê contribuir para a saúde mental e qualidade de vida dos seus habitantes. Acredita-se que a cidade deva ser, por excelência, sinónimo de ponto de encontro entre diferentes realidades sociais, económicas e políticas e parte-se do pressuposto que a arquitectura deve contribuir para essa possibilidade de forma responsável e correspondente.

Investiga-se, por conseguinte, a realidade construída de três universos marcadamente urbanos e os fundamentos que orientam o crescimento do seu tecido compositivo. Assim, procede-se à análise dos casos de estudo tendo por base o filtro de dois olhares distintos. O primeiro olhar procura assinalar e reforçar a *visão do observador* através do trabalho de campo, alimentando uma dimensão fenomenológica sobre a arquitectura. Enquanto que o segundo, com base no levantamento cartográfico, obedece ao mapeamento do

território, reconhecendo a morfologia do espaço público, no contraponto entre o público e o privado.

Paralelamente, desenvolve-se a proposta urbana e arquitectónica de três blocos habitacionais para um território ao qual corresponde uma situação marginal no que respeita ao restante contexto denso e estruturado que organiza a realidade do Bairro do Alto de Santo Amaro. Neste sentido, o desafio passa por converter esta situação através de uma lógica de continuidade, densificação e reconhecimento do contexto pé-existente.

Conceitos-chave:

bairro, morfologia urbana, análise fenomenológica, cidade, densificação





## Abstract

The development of this research is based on questioning and studying the concept of neighborhood as a part of cities compositional morphology. Neighborhoods can be defined as administrative divisions of the territory, likewise they are clearly tied up with social, political, economic and architectonic elements.

Found on the comparison between two different neighborhoods where the author has lived, this work rises questions about this two realities and it's used as a tool to answer those questions. As a first approach to this topic, it is relevant to affirm that this work stands on the belief that territories which still embrace neighborhood experiences have a positive impact on it's habitants life and mental health. We also believe that cities should be the synonym for a meeting point between different realities – whether social, economic or political – and that architecture should give it's contribution to this in an answerable way. Placed on the ideas shown above, the built environment of three urban universes was investigate, as it were also their urban fabric growing elements. We developed case study analyses, filtered by two different perspectives.

In one hand, there's a first look which tries to point out and empower the vision of the observer through the fieldwork, nourishing a phenomenological dimension of architecture. In the other hand, a second look follows the morphology of public space, based on cartographical survey.

At the same time, we developed an urban and architectonic proposal for three housing blocks though for an exceptional place in the dense and structured tissue that organizes

the reality of Bairro do Alto de Santo Amaro. Therefore, the challenge would be to convert this situation through a strategy of continuity, densification and recognition of the existing context.

keywords: district, urban morphology, phenomenological analysis, city densification

## Agradecimentos

À minha mãe, ao meu pai e à minha irmã. Por serem suporte, por serem exemplo.

À minha avó, pelo conforto dos seus cozinhados.

À minha tia, pelas viagens, que despertaram o gosto e a curiosidade sobre *a cidade*.

Aos companheiros de curso e da vida. Ana Filipa, Madalena, Carolina, Ana Rita, António, Eduardo, Catarina, Agathe, Sara, Joana Marques, Vasco, Joana Bonhorst, Francisca, Mariana, Inês, Andreia, Christopher e António.

Ao professor Daniel Jesus, pela imensa atenção, disponibilidade e responsabilidade.





# Índice

Resumo	I
Abstract	V
Agradecimentos	VII
Índice	IX
Índice de imagens	XI
1. Introdução	1
1.2. Objetivos	3
1.3. Contexto	
O lugar do bairro do Alto de Santo Amaro	5
1.4. Súmula Histórica	17
2. Análise Interpretativa	27
2.1. Deriva	
Análise Fenomenológica pelo bairro	29
2.2. Análise Nolli	
Mapeamento	43
2.3. Cidade para as Pessoas	47
3. Casos de estudo	51
3.1. Graça	53
3.2. Gracia	71
3.3. Alto de Santo Amaro	85
4. Projecto	97
4.1. Proposta para a morfologia Urbana	99
4.2. Proposta para as tipologias residenciais	105
5. Considerações Finais	113
6. Peças desenhadas	115
7. Bibliografia	123
8. Anexos	127



## Índice de imagens

Figura 1. Processo de demolição e consruição de uma nova urbanização no barrio del Ravaal, em Barcelona. Fonte: Luís Guerín, En Construcción. 2001, fotogramas do documentário	7
Figura 2. Localização do lugar de trabalho. Ortofotomapa. Fonte: Google earth, 2016.	11
Figura 3. Localização do lugar de trabalho. Ortofotomapa. Fonte: Google earth, 2016.	12
Figura 4. Fotografias e vistas a partir do terreno de projecto. Fonte: elaborado pela autora, 2016.	13
Figura 5. Gravura da Eremida do Alto de Santo Amaro. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa.	18
Figura 6. Vista para a Eremida. Relação visual com o rio Tejo. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	19
Figura 7. Vista para a Eremida a partir da Calçada de Santo Amaro. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	19
Figura 8. Palácio Burnay num dia de romaria. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	23
Figura 9. Vista sobre o Palácio Burnay e sobre o rio Tejo. Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa	23
Figura 10. Planta histórica. Filipe Folque. 1856-1858 Fonte: elaborado pela autora, 2016.	24
Figura 11. Planta histórica. Silva Pinto. 1904-1911 Fonte: elaborado pela autora, 2016.	24
Figura 12. Situação actual. Fonte: Google maps, 2016.	25
Figura 13. The Naked City. Guy Débord, 1957. Fonte: SADLER, Simon — The situationist City. Cambridge: MIT Press, 1998.	30
Figura 14. Conceito de visão serial. Gordon Cullen, 1971. Fonte: CULLEN, Gordon — Paisagem Urbana. Lisboa: Edições 70, Lda., 1983.	31

Figura 15. A beleza está na rua. Slogan do Maio de 68 inspirado na Situationist International.Fonte: <a href="https://globalparisgraffiti.wordpress.com/author/kristenlyning/">https://globalparisgraffiti.wordpress.com/author/kristenlyning/</a>	33
Figura 16. Exemplos de street art na cidade de Lisboa, 2016. Autores: C215 e Eime. (da esquerda para a direita).  Fonte: <a href="https://lisboaimages.com/2015/05/06/sophia-2/">https://lisboaimages.com/2015/05/06/sophia-2/</a>	37
Figura 17. North Babylon. Propostas e idealização da cidade situacionista. Constant Nieuwenhuys, 1963.  Fonte: SADLER, Simon — The situationist City. Cambridge: MIT Press, 1998.	37
Figura 18. “Le plan voisin”. A proposta de uma cidade moderna para a cidade de Paris. Le Corbusier, 1925.  Fonte: <a href="http://www.france24.com/en/20150429-le-corbusier-fascism-row-taints-legacy-france-foremost-architect">http://www.france24.com/en/20150429-le-corbusier-fascism-row-taints-legacy-france-foremost-architect</a>	38
Figura 19. New Babylon. Colagem e fotomontagem por Constant Nieuwenhuys, 1971.  Fonte: SADLER, Simon — The situationist City. Cambridge: MIT Press, 1998.	38
Figura 20. A cidade medieval. Piazza del Campo. Ortofotomapa da Cidade de Siena.  Fonte : Google Earth, 2016.	41
Figura 21. A cidade moderna. Ortofotomapa da cidade de Barcelona.  Fonte : Google Earth, 2016.	41
Figura 22. Valorização positiva atribuída ao espaço subtraído.  Fonte: <a href="http://sociologico.revues.org/218?lang=fr">http://sociologico.revues.org/218?lang=fr</a>	45
Figura 23. Nuova Pianta di Roma. Giambattista Nolli, 1748.  Fonte: <a href="https://pt.pinterest.com/pin/177892254001784560/">https://pt.pinterest.com/pin/177892254001784560/</a>	45
Figura 24. Esquema comparativo sobre a escala e o tecido urbano dos bairros em estudo. Esc:1:15000.  Fonte: elaborado pela autora, 2016.	52

Figura 25. Tecido urbano do bairro da Graça.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016	54
Figura 26. Mapa de localização, referente à deriva pelo bairro da Graça.	
Fonte: elaborado pela autora, 2016.	55
Figura 27. Subida em direcção ao Miradouro da Senhora do Monte. Rua da Senhora do Monte.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	56
Figura 28. Vista sobre a cidade de Lisboa a partir do Miradouro da Senhora do Monte.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	57
Figura 29. Vista sobre a cidade de Lisboa a partir da casa de uma amiga. Largo da Graça.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	57
Figura 30. A caminho do Miradouro da Graça. Calçada da Graça.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	58
Figura 31. Vista sobre a cidade de Lisboa a partir do Miradouro da Graça.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	59
Figura 32. Miradouro da Graça.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	59
Figura 33. Interior do quarteirão da Vila Sousa. Largo da Graça.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	60
Figura 34. Vila Sousa. Largo da Graça.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	61
Figura 35. Porta de entrada na Vila Berta.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	62
Figura 36. Interior da Vila Berta.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	62
Figura 37. Interior da Vila Berta.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	63
Figura 38. Galeria. Antiga vila operária Estrela D'ouro.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	64

Figura 39. Antiga vila operária Estrela D'ouro.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	65
Figura 40. Antiga vila operária Estrela D'ouro.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	66
Figura 41. Roupa estendida na Rua da Senhora do Monte.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	67
Figura 42. Varanda na Rua da Senhora do Monte	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	67
Figura 43. Planta Nolli do Bairro da Graça.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	68
Figura 44. Tecido urbano do bairro da Grácia.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	72
Figura 45. Mapa de localização referente à deriva pelo barrio de Grácia.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	73
Figura 46. Plaza del Sol num final de tarde .	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	74
Figura 47. Plaza del Sol num final de tarde II.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	75
Figura 48. Carrer Verdi. A olhar para Norte.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	76
Figura 49. A caminho da plaza Revolució. Carrer Verdi.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	77
Figura 50. Paza Revolució, de manhã.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	78
Figura 51. Plaza Revolució à tarde.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	79
Figura 52. Esplanada na Plaza del Diamant.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	80
Figura 53. Plaza del Diamant.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	81

Figura 54. Planta Nolli do Bairro da Gracia.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	82
Figura 55. Tecido urbano do bairro de Santo Amaro.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	86
Figura 56. Mapa de localização referente à deriva pelo bairro de Santo Amaro.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	87
Figura 57. A cidade a partir do miradouro do Alto de Santo Amaro.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	88
Figura 58. A cidade a partir do Miradouro do Alto de Santo Amaro II.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	88
Figura 59. A cidade a partir do Miradouro do Alto de Santo Amaro III.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	89
Figura 60. Miradouro da Ermida do Alto de Santo Amaro.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	89
Figura 61. Rua Gil Vicente. A olhar para a Ermida e a ponte 25 de Abril.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	90
Figura 62. Rua dos Lusíadas.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	90
Figura 63. Roupa estendida sobre a rua. Rua Sá de Miranda.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	91
Figura 64. Palácio Burnay, a partir da Ermida.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	92
Figura 65. Espaço público verde. Jardim Avelar Brotero.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	92
Figura 66. Planta Nolli do Bairro do Alto de Santo Amaro.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	94
Figura 68. Proposta urbana. Maquete experimental. Versão Provisória.	
Fonte: realizado pela autora, 2016.	102
Figura 69. Proposta urbana. Maquete experimental. Versão Provisória.	
Fonte: realizada pela autora, 2016.	102

Figura 70. Sistema distributivo. Exemplo de uma habitação pombalina	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	106
Figura 71. Circulação e comunicação com o exterior. Exemplo de uma habitação pombalina.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	107
Figura 72. Dupla entrada e compartimento autónomo.	
Exemplo de uma habitação pombalina.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	107
Figura 73. Sistema distributivo.	
Exemplo de uma habitação nas Avenidas Novas	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	108
Figura 74. Dupla entrada e compartimento autónomo.	
Exemplo de uma habitação nas Avenidas Novas.	
Fonte: elaborada pela autora, 2016.	108
Figura 75. Possibilidade de agregação de duas tipologias pequenas, convertendo-se numa grande.	
Fonte: elaborado pela autora, 2016.	111
Figura 76. Esquema ilustrativo das possibilidades de utilização dos elementos móveis (painéis de correr).	
Fonte: elaborado pela autora, 2016.	112



## 1. Introdução

A presente investigação surge na sequência do enunciado proposto na unidade curricular de Laboratório de Projecto VI e teve início no 1º semestre do ano letivo de 2014/2015. Os temas de trabalho abordavam as estratégias de consolidação e densidade no caso das periferias centrais de Lisboa, no contexto da proposta de construção do Parque Natural do Rio Seco desenvolvida pela Câmara Municipal de Lisboa.

Partindo-se da consciência sobre a importância do bairro e da vida partilhada em comunidade no espaço urbano, viria a surgir como ajustado e pertinente, o questionamento sobre a forma como a arquitectura deve servir este sentido.

Seguindo esta linha de pensamento, aquilo que se propõe nesta investigação é enunciar as características ao nível da *forma* e da *experiência da forma* que desencadeiam as vivências de bairro, apreendendo como objecto de análise a desenvolver o exemplo de três universos urbanos distintos. A saber: a Graça, a Grácia e o Bairro do Alto de Santo Amaro, sendo que este último configura o território para o desenvolvimento da proposta a nível prático.

Logo, o trabalho tem como objetivo central analisar e interpretar a realidade do bairro sob um ponto de vista *fenomenológico* e *morfológico*. A metodologia utilizada assenta, portanto, na análise interpretativa de territórios urbanos consolidados sobre os quais existe um valor afectivo depositado, resultando a sua escolha de experiências vividas dia-a-dia, sendo que a ligação ao Bairro da Grácia surge dentro do contexto vivencial proporcionado pelo programa Erasmus.

Posteriormente, coloca-se a questão de como haveria que intervir de forma ajustada sobre o território, segundo um reconhecimento de qualidades que provém desta análise, seguindo uma lógica de continuidade.

Importa ainda ressaltar a consciência de que a cidade surge enquanto produto económico, político e social e que estes domínios têm uma acção preponderante e decisiva sobre o planeamento urbano. No entanto, optou-se por observar o problema da cidade, fundamentalmente, sob outro ponto vista.

## 1.2. Objetivos

Em função do exposto, os objetivos que se pretendem desenvolver no presente trabalho incidem, de forma sucinta, sobre a correlação entre a ideia de bairro e a morfologia e fenomenologia urbana.

O trabalho encontra-se essencialmente estruturado em duas fases:

- A primeira fase desenvolve-se no sentido da exposição das ferramentas de análise do território e do seu enquadramento teórico;
- A segunda fase corresponde à análise dos casos de estudo através da utilização dessas mesmas ferramentas.

A análise dos casos de estudo centra-se na averiguação da forma da cidade e da sua representação bem como sobre a experiência individual da forma, levantando questões de natureza fenomenológica, refletindo sobre a importância da observação individual que o sujeito deposita sobre a cidade. Seguindo esta lógica, desenvolve-se uma vertente poética e artística sobre o objecto de estudo, à semelhança da investigação desenvolvida por Gordon Cullen.

*(...)Cullen mantém o parecer de que a incorporação da experiência pessoal na análise urbana favorece uma concepção poética da própria análise.<sup>1</sup>*

Para o desenvolvimento conclusivo através do exercício de projecto, pretende-se inscrever os enunciados teóricos desenvolvidos no processo de investigação, considerando-se como exemplo a informação retirada a partir da análise dos casos de estudo.

---

1 Apud VALSASSIN HEITOR, Teresa — **A vulnerabilidade do espaço em Chelas**. Uma abordagem sintática. Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p40



### 1.3. Contexto

#### O lugar do bairro do Alto de Santo Amaro

A proposta a desenvolver insere-se numa das franjas do Bairro do Alto de Santo Amaro, localizado na freguesia de Alcântara. Pertencendo a uma das zonas consolidadas da cidade de Lisboa, é possível reconhecer-lhe um carácter maioritariamente denso e regular naquilo que constitui o seu tecido urbano. Do bairro, é própria a existência de espaços de uso comum qualificados e aprazíveis, favoráveis à sociabilização e à partilha da vida em comunidade.

Além do uso residencial, o bairro está dotado da existência de comércio tradicional e familiar instalado na maioria das vezes ao nível do piso térreo, concedendo à Rua um carácter seguro e a possibilidade de troca e partilha de vivências entre os seus habitantes. Contudo, o lugar de intervenção constitui uma excepção residual a esta realidade, sendo essencialmente formado por terrenos cedidos a antigos combatentes da guerra colonial pela Câmara Municipal de Lisboa para a construção das suas próprias residências. Verifica-se uma realidade marginal ao restante tecido denso e sólido que qualifica o bairro. Comprova-se, deste modo e pela observação *in situ*, a existência de um sistema fechado em si mesmo, que institui as suas próprias regras mas que se considera de superior e comum interesse reintegrar e devolver à cidade. O território em estudo, tal como se encontra, não suporta uma ocupação urbana.

A linha operativa parte pois do pressuposto que o tipo de resposta a adoptar deve reger-se a partir de um acordo sobre a forma justa e apropriada da cidade, justificando-se assim o mote para o desenvolvimento da presente investigação.

Consciente das problemáticas complexas que as operações de planeamento e as alterações à paisagem urbana acabam por projectar na vida dos seus moradores, elege-se o documentário *En Construcción*<sup>2</sup> de José Luis Guerin como referência para reflectir sobre esta realidade.

O documentário retrata uma alteração urbanística levada a cabo no bairro que propõe a construção de uma urbanização de rendas elevadas incompatíveis com as possibilidades económicas dos seus anteriores residentes. O filme documenta a transformação de um dos bairros tradicionais da cidade de Barcelona provocando um impacto e o sentimento de perda nos seus habitantes.

Cabe assim sublinhar que o projecto a realizar incorpora a consciência dos dramas e prejuízos sociais e individuais implicados com qualquer projecto de transformação sobre o território. Contudo, não deixa de investigar e propor estratégias capazes de mitigar as rupturas ao nível das vivências e apropriações, a coberto do pretexto de perseguir uma ligação com a cidade consolidada, aspirando-se a configurar uma urbanidade, na perspectiva do bem comum.

---

2 GUERÍN, José Luís — **En Construcción**. [Registo vídeo]. Espanha: Ovideo TV, 2001. (DVD) (125min)

Figura 1. Processo de demolição e construção de uma nova urbanização no barrio del Ravaal em Barcelona.











Cabe ainda ressaltar de uma perspectiva material ou física, uma das primeiras características observadas no lugar da eventual proposta: a topografia que se caracteriza pela inclinação bastante acentuada, situando-se na Colina de Alcântara. O declive do terreno opõe-se (perpendicularmente) ao Rio Tejo, oferecendo ao observador uma posição de privilégio e controlo sobre a paisagem.

Administrativamente, por outro lado, o lugar de trabalho caracteriza-se por uma parcela de terreno cedido pela Câmara Municipal de Lisboa a antigos combatentes da guerra colonial para construção de uma área habitacional numa zona de cume de onde pré-existem algumas construções precárias e dispersas e quatro casas geminadas. O terreno encontra-se circunscrito a norte pela Calçada de Santo Amaro e a sul pela Rua Filipe Vaz.

Nota ainda para a presença adjacente da Embaixada da Hungria, o CINEL (Centro de Formação Electrónica) assim como a correnteza de habitações da Calçada de Santo Amaro. São estes os elementos consolidados pré-existent de maior proximidade ao lugar da eventual proposta.



Figura 2. Localização do lugar de trabalho. Ortofotomapa. Fonte: Google earth, 2016.





Figura 3. Localização do lugar de trabalho. Ortofotomapa. Fonte: Google earth, 2016.

Figura 4. Fotografias e vistas a partir do terreno de projecto.  
Fonte: elaborado pela autora, 2016.













## 1.4. Súmula Histórica

### 1.4.1. Ermida do Alto de Santo Amaro

*Sempre os pequeninos templos foram mais que ostentosos, de romarias e de afeição devota popular.*<sup>1</sup>

O edifício mais antigo do bairro remonta ao século XVI, mais concretamente ao ano de 1549, tal como podemos encontrar inscrito numa gravura fixada sobre a porta principal. Contam-se duas lendas diferentes a respeito da construção da capela, não sabendo exatamente se a sua origem se deve a uma confraria da Ordem de Cristo ou a uma embarcação de marinheiros galegos que ali chegou. Era daqui que partia uma das mais típicas e afamadas Romarias da cidade, sendo que a última data de 1911.

A Ermida vem servir necessariamente de ponto de referência às construções posteriores, como é o caso da Calçada de Santo Amaro que converge por sua vez com a Rua da Junqueira.

A Ermida encontra-se justamente localizada sobre uma linha de cumeeira da encosta de Alcântara e sendo a topografia existente bastante desnivelada é-nos oferecida uma vista bastante ampla e desafogada voltada a Sul, sobre a cidade e o rio. O lugar reúne, portanto, características próprias de um miradouro, o que lhe confere um carácter singular e especial em todo o bairro.

---

1 ARAÚJO, Norberto — **Peregrinações em Lisboa**. Lisboa: Vega, 1939.



Figura 5. Gravura da Ermida do Alto de Santo Amaro.



Figura 6. Vista para a Ermida. Relação visual com o rio Tejo.



Figura 7. Vista para a Ermida a partir da Calçada de Santo Amaro.

#### 1.4.2. Rua da Junqueira

A Rua da Junqueira, não estando directamente inserida no território do bairro tem uma influência significativa quanto à contextualização e à envolvente próxima do lugar em estudo pela sua relevância sob o ponto de vista urbano.

A importância a que nos referimos tem origem no século XIII por se tratar nessa época da principal via de ligação entre a Calçada de Santo Amaro e a Calçada da Ajuda. Tratava-se de um caminho rural que servia esta ligação e ao mesmo tempo encerrava usos comerciais e habitações para os seus trabalhadores.

Mais tarde, no séc. XVI, a zona é concedida por D. Pedro V à família Saldanha para fins de arrendamento e exploração agrícola, dando-se o início da construção de quintas, palácios burgueses e casas apalaçadas voltadas para a praia. Estabelecia-se aqui, um nobre lugar de lazer veraneio. Entre muitos, destaca-se a presença do Palácio Burnay estando situado a Norte do terreno de projecto.

No início do século XIX inicia-se a construção do Porto de Lisboa e a criação dos aterros da praia, dando origem à frente de edifícios a Sul e construindo assim uma nova relação com o Rio. A Rua da Junqueira acaba por ser um limite que estabelece uma divisão entre a zona da encosta de Alcântara e a zona plana, correspondente aos aterros.

Em termos urbanos, a Rua da Junqueira, assume-se nos dias de hoje como via de circulação bastante movimentada por disponibilizar o acesso a diversos transportes de uso público e colectivo. Os seus antigos palácios burgueses foram

posteriormente reconfigurados, abrigando actualmente outros organismos de natureza institucional. Podemos tomar como exemplo os casos do Instituto de Investigação e Medicina Tropical, a Administração do Porto de Lisboa e os Serviços de Acção Social da Universidade de Lisboa, instalados no Palácio Burnay.

#### 1.4.3. Palácio Burnay

O palácio Burnay foi primeiramente construído no século XVIII, tendo sofrido expressivas alterações um século depois aquando da compra por parte Manuel António da Fonseca, convertendo-se num estimável exemplar de uma residência da alta burguesia do século XIX. Foi classificado como imóvel de interesse público pelo IPPAR <sup>2</sup>, encontrando-se, porém, em estado bastante precário.

O nome pelo qual o conhecemos hoje surge no último quartel do séc. XIX por parte do conde Henrique Burnay. Mais tarde, em 1940, o palácio é adquirido pelo Estado e actualmente acolhe os serviços de Acção Social da Reitoria da Universidade de Lisboa e o Instituto de Investigação e Medicina Tropical, como referido anteriormente.

A forma do palácio é regulada por um eixo de simetria que se evidencia a partir da existência de um corpo central assinalado por quatro torreões, sobressaindo ao centro, uma cúpula encimada por um zimbório. Os interiores são minuciosamente cuidados, os tectos ornamentados em estuque e as paredes pintadas à mão graças ao investimento que o Conde de Burnay lhe dedicou.

Há a salientar a ampla varanda corrida acessível pelo piso Nobre (correspondente ao primeiro piso) que olha sobre a Rua da Junqueira onde antigamente se estendiam enormes e trabalhadas mantas nas guardas, pela altura da Romaria.

Para trás do Palácio, estende-se um vasto jardim exótico de formas orgânicas, com imensa variedade de espécies vegetais pontuado por estátuas, dispondo ainda de duas estufas e dois edifícios pertencentes ao Instituto de Medicina Tropical.





Figura 8. Palácio Burnay num dia de romaria.

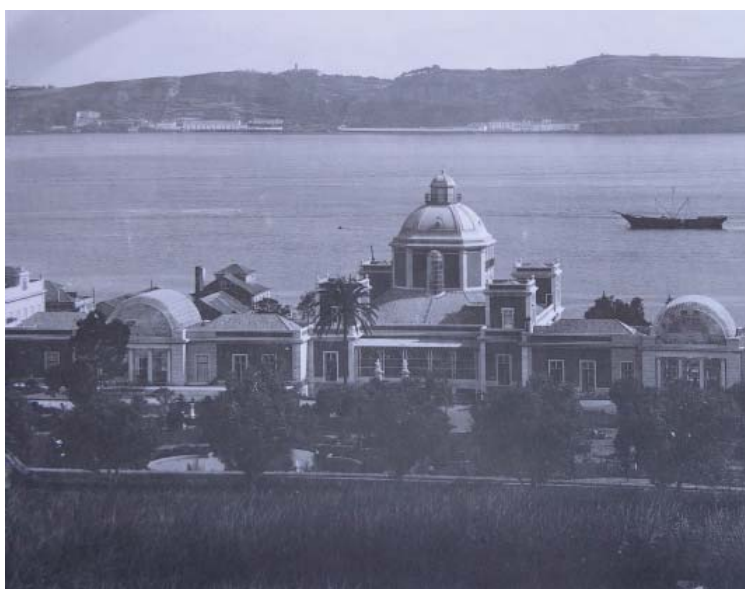


Figura 9. Vista sobre o Palácio Burnay. Relação visual com o Rio Tejo.

#### 1.4.4. Evolução histórica do tecido urbano



Figura 10. Planta histórica. Filipe Folque. 1856-1858  
Fonte: elaborado pela autora, 2016.



Figura 11. Planta histórica. Silva Pinto. 1904-1911  
Fonte: elaborado pela autora, 2016.





Figura 12. Situação actual.  
Fonte: Google Earth, 2016.



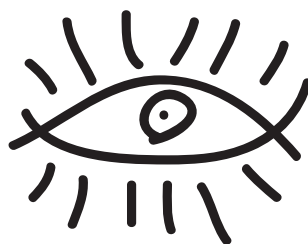
## 2. Análise Interpretativa

*People have to take what they can from where they can in constructing their interpretation of the world: that, surely was one lesson of situationism.*<sup>3</sup>

A análise dos casos de estudo divide-se em dois tipos. A primeira, sendo uma análise fenomenológica, centra-se essencialmente num processo descritivo sobre a experiência dos lugares, à qual está subentendida uma ideia de aproximação às suas atmosferas.

O segundo tipo de análise refere-se a um mapeamento do território, seguindo o modelo de Giambattista Nolli, a fim de identificar a morfologia dos espaços de uso público, semi-público e privado. Parte-se do pressuposto que independentemente das morfologias próprias, o tipo de transição que se estabelece entre os diferentes domínios circunscritos contribuirá para a interpretação do carácter que compõe cada universo urbano singular.

A escolha do Bairro da Graça, Gracia e do Bairro do Alto de Santo Amaro como base desse trabalho de análise justifica-se devido ao facto de se tratarem de territórios que suportam ainda situações de vivência de bairro e permitem a vida partilhada em comunidade, analogia que se procura para o projecto a realizar.



VS



SEPARATION

AFFECTION, NEARNESS, INTIMACY

*The eye is the organ of separation and distance, whereas touch is the sense of nearness, intimacy and affection. <sup>4</sup>*

Fonte: elaborado pela autora, 2016.

## 2.1. Deriva

### Análise Fenomenológica pelo bairro

A análise fenomenológica consiste num processo descritivo sobre a experiência das coisas, como mencionámos anteriormente. Assim, referimo-nos a um tipo de análise que vem ressaltar a importância da experiência enquanto veículo de um conhecimento do mundo. Esta importância decorre de uma necessidade – com origem antropológica comum – de experimentar a realidade e de apreender a atmosfera do real com a mediação dos sentidos.

Juhani Pallasma reclama uma arquitetura imaginada através da implicação de todos os sentidos, cuja complementaridade entre si permita finalmente construir uma experiência integrada do real. No seu ensaio *Eyes of the Skin* desenvolve uma crítica à cultura ocidental centrada no predomínio da visão sobre os outros sentidos que informam a percepção, referindo-se nestes termos a um *ocularcentric code of culture*.<sup>5</sup>

Aquilo que entendemos por “experiência” acaba por funcionar segundo dois tempos distintos: se por um lado vivemos (experienciamos) no presente, por outro, desencadeia-se um processo de memorização, devolvendo-nos lugares que “adquirimos previamente”, anteriormente experimentados. Seguindo esta linha de pensamento, a experiência não só serve como veículo para o conhecimento como também é, em si, portadora do mesmo.

A escolha deste tipo de análise na presente investigação, justifica-se a partir de uma perspectiva informada pela vivência dos lugares em estudo, assumindo-a como dado enriquecedor para o seu reconhecimento.

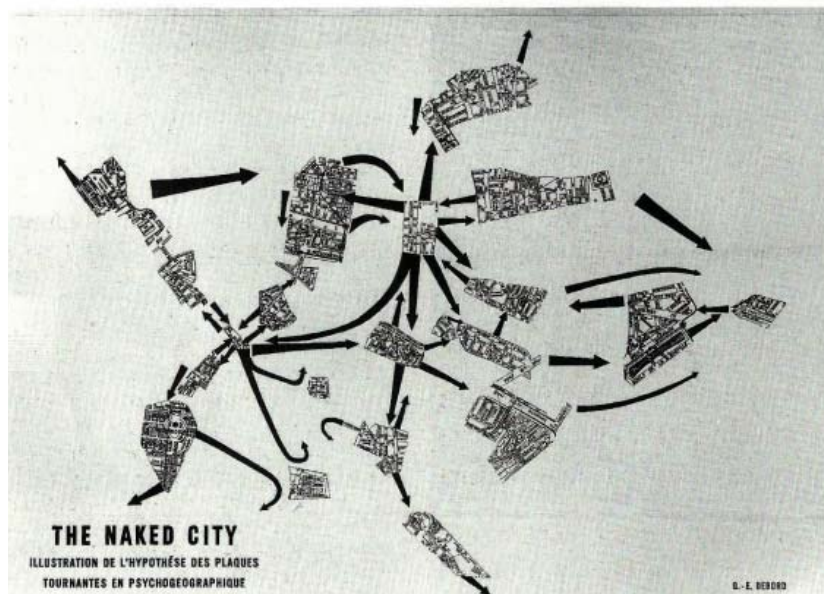


Figura 13. The Naked City. Guy Debord, 1957.

Como tal, o propósito último da investigação passará por uma averiguação e pela tentativa de descrição da atmosfera que informa cada contexto urbano eleito como significativo para efeitos do projecto, em particular.

Gordon Cullen (1971) distingue a importância da experiência e da visão do observador sobre o cenário urbano. No livro *Paisagem Urbana* faz um levantamento de diferentes contextos urbanos através de registos gráficos e esquemáticos sobre os quais desenvolve interpretações e reflexões essencialmente pessoais.

“Os instrumentos utilizados são, para além do lápis, o bloco de notas e a máquina fotográfica, a perspicácia, a sensibilidade e o filtro artístico do autor. No entanto, Cullen mantém o parecer de que a incorporação da experiência pessoal na análise urbana favorece uma concepção poética da própria análise.”<sup>6</sup>

6 Apud VALSASSIN HEITOR, Teresa — *A vulnerabilidade do espaço em Chelas. Uma abordagem sintática*. Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p40



Aos seus apontamentos está muitas vezes subjacente uma ideia de *visão serial*, acrescentando-se uma dimensão temporal e uma ideia de percurso e de deriva bem como pequenos textos alusivos às suas reflexões pessoais sobre os lugares.

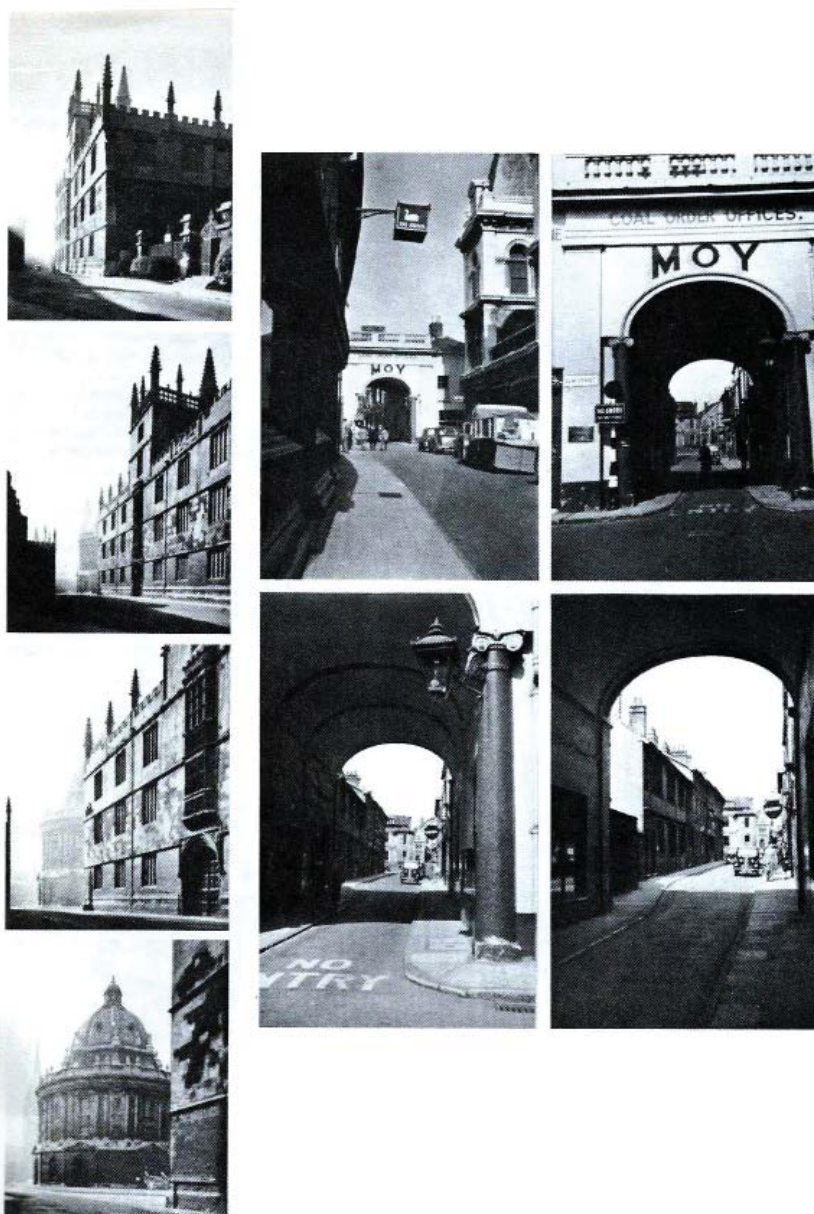


Figura 14. Conceito de visão serial. Gordon Cullen, 1971.

A *teoria da deriva* e a *psicogeografia*, em particular, constituem conceitos estruturantes do pensamento situacionista. A *deriva* significa o deambular livre e descomprometido pela cidade, enquanto a *psicogeografia* estuda os efeitos psicológicos e emocionais que decorrem desta experiência individual: “1950’s situationist psychogeography, as it set out to study «the specific effects of the geographical environment on the emotions and behavior of individuals» might have anticipated this new interest in the cognitive city”.<sup>7</sup>

### 2.1.1. Situationist City

*The only predictable thing in the Situationist City would be its unpredictability, its random intensity, its «unity of ambience».*<sup>8</sup>

As experiências do passeio e da deriva enquanto vivências insubstituíveis e necessárias à apreensão dos fenómenos urbanos são especialmente enfatizadas dentro do contexto do Situacionismo — movimento anticapitalista e artístico que se desenvolve na segunda metade do século XX, período correspondente ao Pós 2ª Guerra Mundial.

O ideal situacionista encontraria como objecto da sua reflexão, entre outros, a necessidade vital de repensar da cidade, em contexto onde a resposta modernista vigorava enquanto paradigma. “The SI was a reaction to bourgeois culture and politics, on the one, and to the sterile, austere functionalism of High Modernism, on the other.”<sup>9</sup>

A proposta situacionista interpreta a cidade moderna e o urbanismo teórico e prático que concorre para a sua

1928 - CIAM  
Congresso internacional  
da arquitectura moderna

1955-1972 - SI  
Situationist International

---

7 SADLER, Simon — **The situationist City**. Cambridge: MIT Press, 1998. p.92

8 MERRIFIELD, Andy — **Harvard Design Magazine**. Number 12 (2000). p1-p5

9 Idem. p.2



configuração, na base de uma cidade esquadrelada, isto é, dividida em áreas destinadas a cumprir uma determinada função (habitação, trabalho, área recreativa e por último a circulação - cujo objetivo seria de conectar os três primeiros). A ideia de separação denunciada estará na origem de problemas sucessivos – políticos, económicos e sociais – como é o caso da segregação residencial nas zonas periféricas, operando necessariamente também ao nível da demarcação e divisão social.

Ao invés, os situacionistas sonham com a possibilidade de reverter para o contexto urbano a conflitualidade da cidade histórica, defendendo uma cidade que faz coabitar diferentes usos na mesma área. O conceito de *urbanismo unitário*, de *urban mix*, defende a convivência de diferentes funções através de relações de interdependência entre as diferentes partes. Logo, a noção de urban mix acaba por se desdobrar ainda enquanto projecto social, assegurando o convívio de diversos estratos sociais.

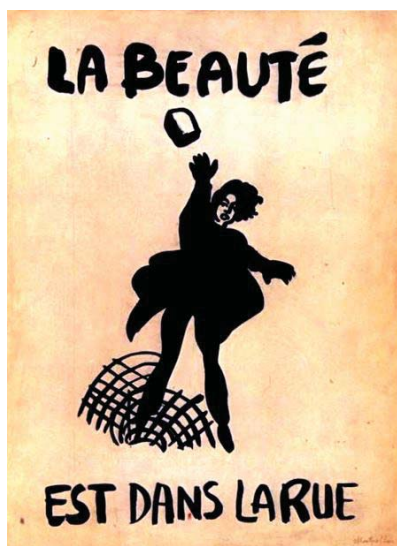
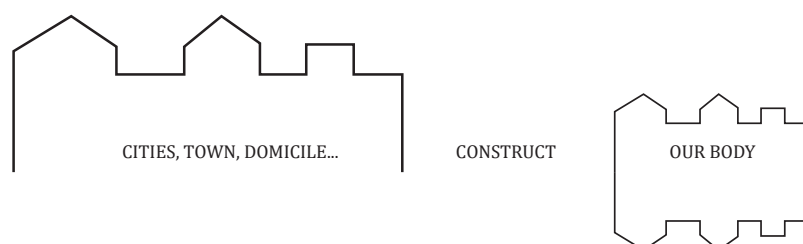


Figura 15. A beleza está na rua. Slogan do Maio de 68 inspirado na Situationist International.



*We transfer all the cities and towns that we have visited, all the places that we have recognised, into the incarnate memory of our body. Our domicile becomes integrated with our self-identity; it becomes part of our own body and being.<sup>10</sup>*

Sobre a dimensão existencialista da arquitectura.

Fonte: elaborado pela autora, 2016.

---

10 PALLASMAA, Juani — **The eyes of the skin.** Academy Editions: London, 1995. p.72

### 2.1.2. A proposta de um urbanismo unitário e o valor da cidade histórica

*The unitary City would be disruptive and playful, reuniting all that had been physically and socially sundered, emphasising forgotten and beleaguered places, mysterious corners, quiet squares, teeming neighborhoods, sidewalks filled with strollers, parks with old-timers in berets sitting on benches.* <sup>11</sup>

A proposta de um urbanismo unitário realiza-se essencialmente num nível ideológico, assumindo-se enquanto projecto social e político mais do que uma proposta urbana formalmente desenhada. Neste sentido, as propostas materializadas que os situacionistas nos deixam evocam usualmente uma dimensão artística e em parte utópica, correspondendo fundamentalmente à constituição de um pensamento crítico sobre o panorama social, económico e político vigente na altura.

Como referimos anteriormente, a resposta situacionista surge como crítica às propostas da cidade moderna na qual os situacionistas apontavam o sistema económico capitalista enquanto primeira preocupação para o desenho da cidade. Assim, reclama-se a devolução da cidade às pessoas onde o espaço público deve ser um lugar de encontro, servindo a partilha de vivências, o confronto entre ideias e inequivocamente o exercício da liberdade de expressão.

O urbanismo situacionista propõe uma cidade construída e alterada por parte daqueles que a vivem, segundo as expressões individuais próprias, sob a forma de produção e intervenção artística por exemplo. A resposta que os

---

11 MERRIFIELD, Andy — **Harvard Design Magazine**. Number 12 (2000). p3

situacionistas nos oferecem vem salientar e reforçar a importância de ativar e renovar a cidade através de uma acção interventiva e participativa por parte dos seus habitantes, conferindo à arte um carácter de constante criação e transformação na vida da cidade, sugerindo a criação de situações. Podemos tomar como exemplo da sua herança o graffiti e a street art, com manifestações regulares nos dias de hoje. “Squatting and occupying buildings and streets are classic examples of détournement, as are graffiti and «free associative» expressionist art.”<sup>12</sup>

O conceito de *urbanismo unitário*, de *urban mix*, defende ainda a convivência de diferentes funções através de relações de interdependência entre as partes, construindo-se assim um organismo vivo para o qual as partes contribuem entre si. Além disso, a proposta de um *urbanismo unitário* acaba por se desdobrar no projecto social a que nos referimos, pelo assegurar do convívio de diversos estratos sociais partindo do princípio que “o espaço pode juntar o que a sociedade separa”.<sup>13</sup>

Seguindo esta linha de pensamento surge a analogia com a cidade histórica, com a cidade não-planeada que cresce segundo um processo sedimentar e contínuo de partes que se vão acrescentando no decorrer do tempo. No seguinte capítulo iremos prestar-nos à reflexão sobre o tipo de crescimento do tecido urbano através da análise dos casos de estudo.

O valor da cidade histórica e medieval é então reconhecido pela existência de espaços de uma qualidade assinalável ao

---

12 MERRIFIELD, Andy — Harvard Design Magazine. Number 12 (2000). p3

13 Apud VALSASSIN HEITOR, Teresa — **A vulnerabilidade do espaço em Chelas. Uma abordagem sintática**. Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p.23



Figura 16. Exemplos de street art na cidade de Lisboa, 2016. Autores: C215 e Eime. (da esquerda para a direita).

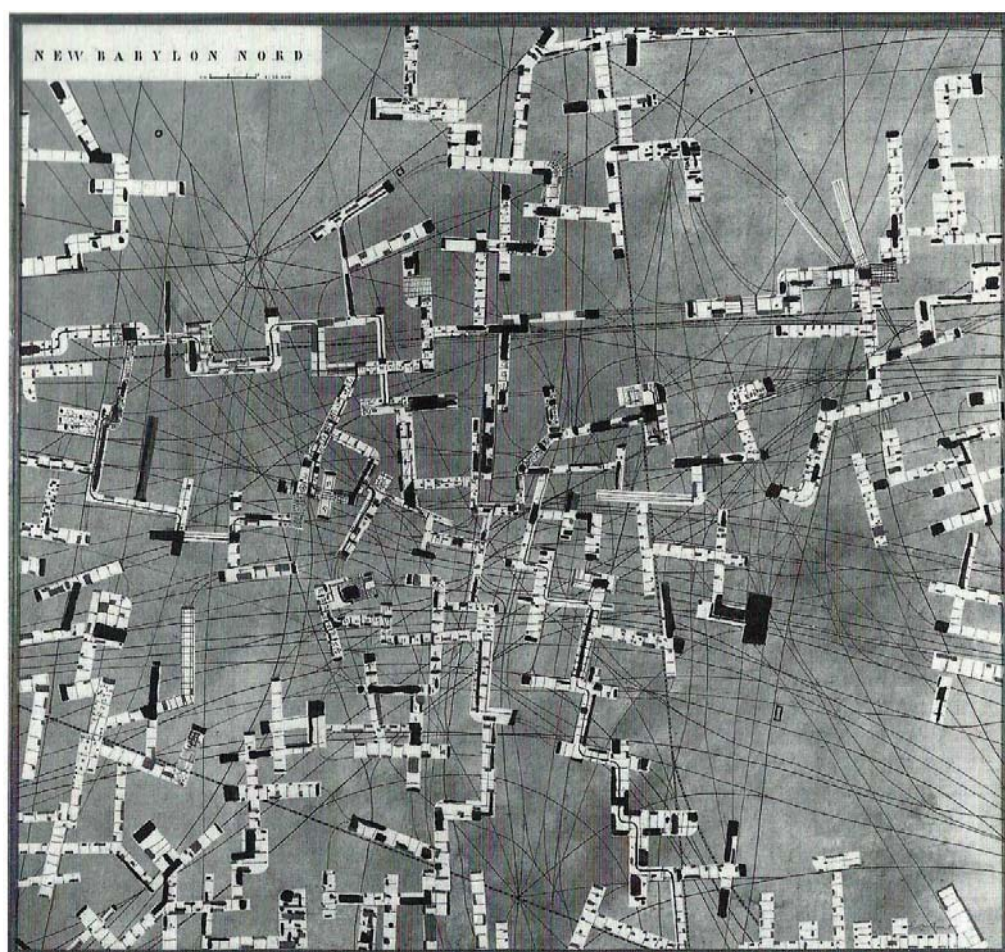


Figura 17. North Babylon. Propostas e idealização da cidade situacionista. Constant Nieuwenhuys, 1963.





Figura 18. “Le plan voisin”. A proposta de uma cidade moderna para a cidade de Paris. Le Corbusier, 1925.

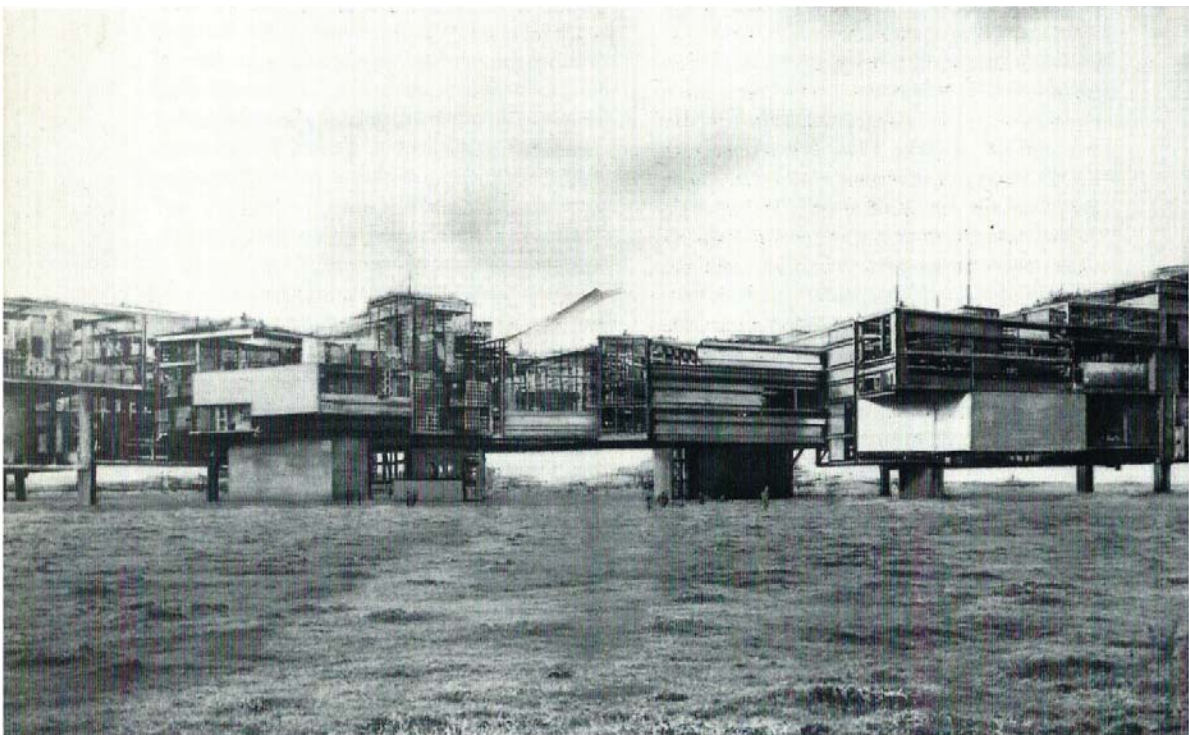


Figura 19. New Babylon. Colagem e fotomontagem por Constant Nieuwenhuys, 1971.

nível do espaço público.

Teresa Valsassina Heitor desenvolve um trabalho de investigação sobre a morfologia urbana do espaço em Chelas - usando como instrumento de análise do território o modelo desenvolvido por Hilier e Hanson. Este último acrescenta ao estudo da morfologia urbana a importância da realidade social em relação com a mesma. Os mesmos autores fazem uma revisão ao movimento moderno e identificam a questão da continuidade como condição que distingue positivamente a cidade histórica em comparação com a cidade moderna, afirmando que a cidade histórica se desenvolve a partir de uma “«continuidade de diferenças» e não numa agregação de partes”.<sup>14</sup> Por sua vez, o planeamento da cidade moderna origina “(...) a ruptura na continuidade física da cidade, a sua dispersão, a sua proliferação de espaços anódinos e a consequente descaracterização do espaço urbano em geral.”<sup>15</sup>

Sabe-se que a contribuição activa dos habitantes para a construção das cidades medievais acabou por lhes conferir uma escala que se aproxima verdadeiramente da escala humana, favorecendo um sentimento de correspondência por parte dos seus habitantes em relação ao espaço bem como a dimensão de sociabilidade que temos vindo a enfatizar ao longo do discurso. “No es sólo que las calles y las plazas estén dispuestas pensando en la gente que deambula o permanece en el exterior, sino que los constructores de la ciudad parecen haber tenido una notable perspicacia acerca de los fundamentos de este diseño.”<sup>16</sup>

---

14 Apud VALSASSIN HEITOR, Teresa — **A vulnerabilidade do espaço em Chelas. Uma abordagem sintática**. Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p.28

15 Idem. p.26

16 GEHL, Jan — **La humanización del espacio urbano**. Barcelona: Editorial

Não sendo possível reproduzir contemporaneamente os moldes da cidade tradicional, importa refletir sobre os atributos que a compõem. A saber: o carácter orgânico e sedimentar que induz o seu crescimento, o confronto e a riqueza da variedade formal ao nível do espaço público e a escala dos edifícios aproximada à escala do Homem.





Figura 20. A cidade medieval. Piazza del Campo. Ortofotomapa da Cidade de Siena.  
Fonte : Google Earth, 2016.



Figura 21. A cidade moderna. Ortofotomapa da cidade de Barcelona.  
Fonte : Google Earth, 2016.



## 2.2. Análise Nolli

### Mapeamento

*In Nolli, figural space as a positive volume generates the urban wmedium.*<sup>17</sup>

O contributo do método analítico desenvolvido por Giambattista Nolli em relação ao desenho urbano aponta para o destaque do vazio gerado pela massa edificada, sendo este o protagonista das relações que se fazem estabelecer ao nível do território urbano. Desse modo, é atribuída uma crescente valorização ao espaço sobran-te, assumindo-se este como termo de comparação e representação simbólica, por contraponto com outras análises onde a mancha gráfica representa matéria construída, não existindo conotação para de-strinçar o domínio público do privado.

Quando nos referimos, em Nolli, ao espaço subtraído à massa edificada, passamos a atribuir-lhe um valor positivo. Partindo do princípio que a vida na cidade, assumindo-se a valorização de um contexto comunitário, acontece sobretudo nesse espaço sobran-te, há a ressaltar o tipo de relações que aqui se estabelecem em três domínios: público, semipúblico e privado. A prevalência destes domínios e a transição a traduzir entre os mesmos, pode ou não conferir um certo grau de riqueza ao nível da vivência do urbano. Posto isto, quando se afirma a cidade moderna como espaço anti-urbano, baseamo-nos na reduzida variabilidade e na pouca clareza na demarcação entre estes três domínios, o que tem origem no facto do vazio intersticial resultante não ser mais do que consequência residual da disposição dos elementos edificados positivos.

---

17 PETERSON, Steven – **Urban Design Tactics. Roma Interrota.** Architectural Design Profile 49, Number 3-4 (1979). p.77

Steve Peterson define *field* como o “padrão reconhecível de combinação de ruas, praças e quarteirões” <sup>18</sup>. De acordo com a sua análise, é possível reconhecer um padrão dentro de um território urbano, que respeita à composição de ruas, praças, quarteirões e unidade de quarteirões.”

O quarteirão assume-se como unidade modular do field ainda que tenha características de variabilidade e adaptabilidade, onde o espaço interior acaba por adquirir relevada importância, ao permitir transições e passagens importantes entre domínios público e semi-público.

Concluindo este sumário analítico, que procura informar a nossa lógica interpretativa a projectar sobre os casos em estudo, a cidade vista por Nolli vem enfatizar a importância do espaço público enquanto motor da vida na cidade, permitindo-nos ao mesmo tempo identificar a sua morfologia. Oferece-nos ainda a percepção de que os edifícios não existem de forma isolada, integrando um determinado contexto, pelo modo como contribuem para conformar um campo (*field*) específico, com o qual e por sua vez estabelecem um diálogo, segundo uma rede bastante ampla de relações

---

18 PETERSON, Steven – **Urban Design Tactics. Roma Interrota.** Architectural Design Profile 49, Number 3-4 (1979). p.76



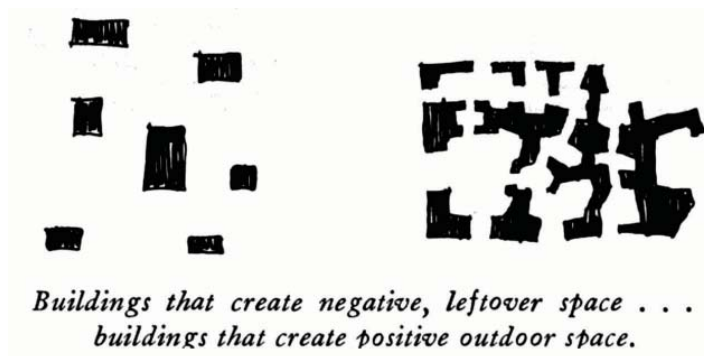


Figura 22. Valorização positiva atribuída ao espaço subtraído.

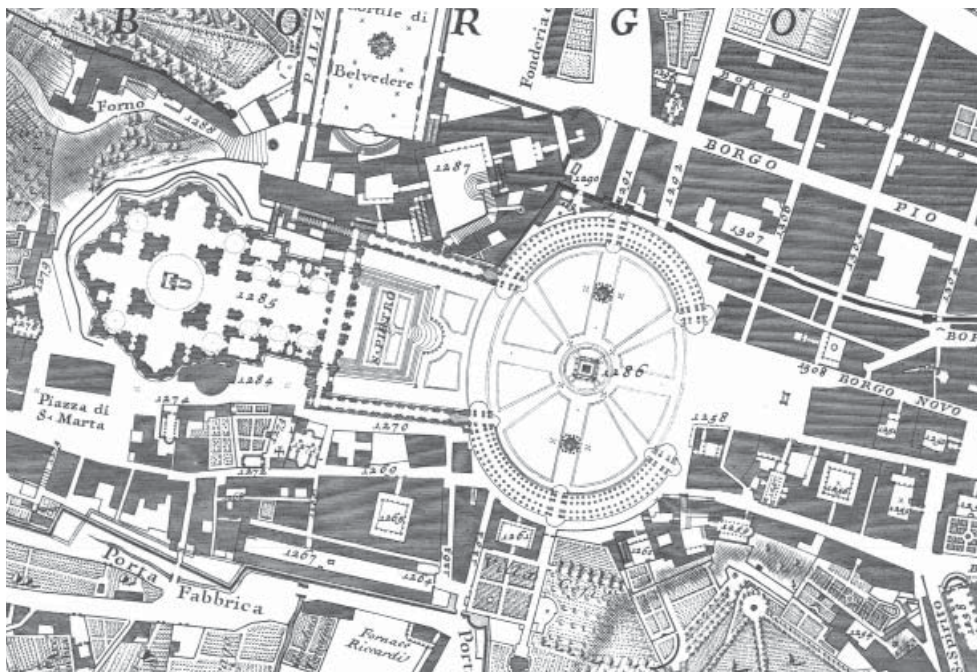


Figura 23. Nuova Pianta di Roma. Giambattista Nolli, 1748.



## 2.3. Cidade para as Pessoas

*A vida não é brincadeira amigo, a vida é a arte do encontro embora haja tanto desencontro pela vida.* <sup>19</sup>

Como referido anteriormente, o espaço público tem um papel fundamental no que diz respeito ao encontro e à partilha da vida na cidade. Importa identificar as qualidades que o espaço público deve conter a fim de corresponder às necessidades dos seus habitantes. A segurança, o exercício político, a liberdade de expressão, a partilha de actividades colectivas são pré-requisitos aos quais o planeamento urbano das cidades deve dar resposta de forma consciente e responsável. “La vida en los edificios y entre los edificios parece considerar-se, en casi todas las circunstancias, más esencial y relevante que los propios espacios y edificios”. <sup>20</sup>

Jane Jacobs <sup>21</sup> desenvolve uma reflexão sobre a vitalidade da cidade usando como objecto de estudo o caso das cidades norte-americanas, com base na sua experiência pessoal. A sua obra representa um marco fundamental para a reflexão da cidade contemporânea, acrescentando que a cidade é também produto de um problema económico.

A autora introduz o conceito de *vigilância natural*, alertando para o efeito da presença das pessoas e da densidade populacional na questão da segurança e da prevenção da criminalidade, defendendo que “(...) a vitalidade e a segurança dos espaços urbanos estão dependentes das densidades de movimento pedonal e da grande diversidade de actividades

---

19 Vínicius de Moraes, samba da benção.

20 GEHL, Jan — **La humanización del espacio urbano**. Barcelona: Editorial Reverté, S.A, 2006. p.37

21 JACOBS, Jane — **Morte e vida das grandes cidades**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014



geradas, por sua vez relacionada com a organização espacial”.<sup>22</sup> Seguindo a mesma linha de pensamento, a autora alerta para importância da utilização do espaço segundo diferentes horários, convidando a presença de outros utilizadores para além dos próprios moradores. Propõe deste modo, a disposição de usos combinados no mesmo edifício.

Como referido anteriormente, o espaço público para além de ter como vocação distribuir e conectar todos os usos urbanos, deve ser tido em consideração como o lugar onde se promove a vida da cidade de forma autêntica e efectiva. Deste modo, deve disponibilizar a possibilidade de diversos tipos de actividades sociais e contactos entre as pessoas.

Podemos circunscrever a noção de actividades sociais a – “(...) todas las que dependen de la presencia de otras personas en espácios públicos. Las actividades sociales incluyen los juegos infantiles, los saludos, las conversaciones, diversas clases de actividades comunitarias y, finalmente – como la actividad social m s extendida – los contactos de carácter pasivo, es decir, ver y oír a otras personas.”<sup>23</sup>

Jan Gehl destaca, para além das actividades sociais e comunitárias, a importância dos contactos passivos, isto é, a importância de partilhar o espaço com outras pessoas com as quais não interagimos de forma obrigatória e directa, mas, no entanto, partilhamos da sua presença através do ver e ouvir — “Essa modesta e despretensiosa forma de contacto é a actividade urbana mais difundida em qualquer lugar”. <sup>24</sup>

---

22 VALSASSIN HEITOR, Teresa — **A vulnerabilidade do espaço em Chelas**. Uma abordagem sint tica. Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p.7

23 GEHL, Jan — **Cidades para pessoas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015

24 Idem.

O mesmo autor aponta nas cidades da actualidade deficiências quanto à qualidade do espaço público livre quer pela interferência do trânsito automóvel quer pela escala desapropriada dos edifícios, muitas vezes alheia à presença citadina do homem. O paradigma instaurado pela cidade moderna veio desconsiderar o facto de o edificado ter uma acção preponderante no desenho do espaço público, criando espaços desabitados e desligados de um contexto pré-existente, aos quais os situacionistas se referiam como *desert-like spaces* — “(...) and these desert like spaces created deserts of the mind”.<sup>25</sup>

Jan Gehl tem-se dedicado ao tema da recuperação do espaço urbano para as pessoas, sugerindo uma eliminação significativa do trânsito automóvel nos centros das cidades e a consequente protecção do meio ambiente em simultâneo. Propõe como alternativa ao uso do automóvel, a existência de ruas pedonais, sistemas de ciclovias e de transportes públicos eficientes. Reclama que as cidades devem dar prioridade ao trânsito pedonal, permitindo às pessoas a possibilidade de as percorrerem de forma livre, contínua e segura. “Se necesitan espacios públicos. La necesidad de espacios de todos tipos y tamaños es obvia: desde las pequeñas calles residenciales a la plaza de la ciudad.”<sup>26</sup>

---

25 MERRIFIELD, Andy — **Harvard Design Magazine**. Number 12 (2000). p1-p5

26 GEHL, Jan — **La humanización del espacio urbano**. Barcelona: Editorial Reverté, S.A, 2006. p.59

Actualmente, a reflexão contemporânea sobre a cidade tem levado a cabo reformas e planos de intervenção sobre algumas cidades como no caso de Copenhaga, Melbourne e Nova York. O autor afirma que o seu melhoramento “(...) reflecte uma compreensão crescente de que as cidades precisam de ser pensadas para enviar convites à circulação dos pedestres e à vida das cidades. Elas reconhecem a importância dos pedestres e dos ciclistas para a sustentabilidade e saúde da sociedade, e reconhecem a importância da vida urbana como um ponto de encontro atrativo, informal e democrático dos seus residentes no século XXI.” <sup>27</sup>

### 3. Casos de estudo

O presente capítulo expõe as análises dos bairros estudados, por aqui se reconhecerem os princípios enunciados no anterior capítulo, sendo a sua identificação realizada de forma gráfica.

As primeiras páginas apresentam a análise fenomenológica, convidando-nos a contactar com as atmosferas dos lugares, a partir de derivas realizadas pelos bairros. Segue-se a Análise Nolli<sup>29</sup> que aponta a distinção entre os domínios público/privado referentes ao território. Expõe-se ainda de forma breve o crescimento do tecido urbano dos bairros, contextualizando-o sob o ponto de vista histórico. Por fim, ilustram-se os diferentes tipos de Rua através de perfis esquemáticos, distinguindo a sua morfologia.

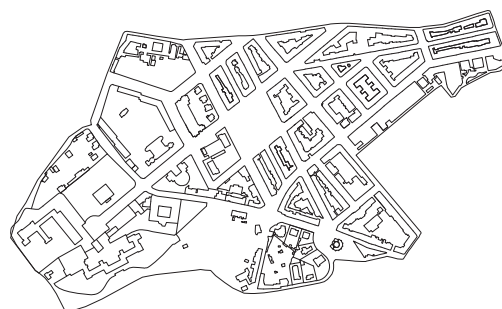
---

29      ver página 43.

GRAÇA



SANTO AMARO



GRACÍA

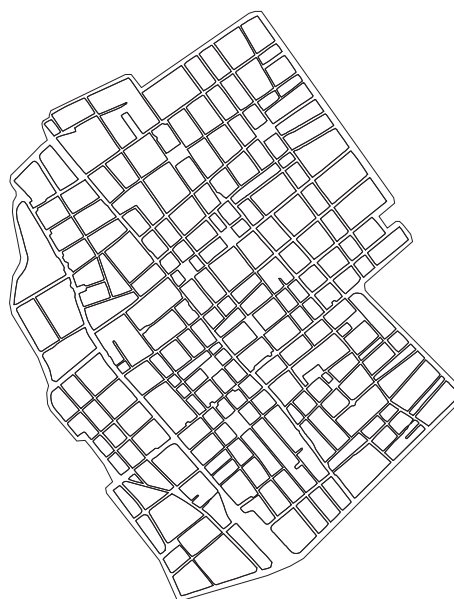


Figura 24. Esquema comparativo sobre a escala e o tecido urbano dos bairros em estudo. Esc:1:15000. Fonte: elaborado pela autora, 2016.

### 3.1. Graça

*Todos os bairros ou sítios de Lisboa têm o seu encanto especial, sobretudo para quem neles se afêz ou neles vive. Êste da Graça é, com efeito, e sem devoção bairrista da nossa parte, um dos mais alegres e desafogados da cidade.* <sup>30</sup>

---

30 ARAÚJO, Norberto — **Peregrinações em Lisboa**. Lisboa: Vega, 1939.

### 3.1.1. Apontamentos fenomenológicos

- Deriva pelo bairro da Graça : interpretação imagética



Figura 25. Tecido urbano do bairro da Graça.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016



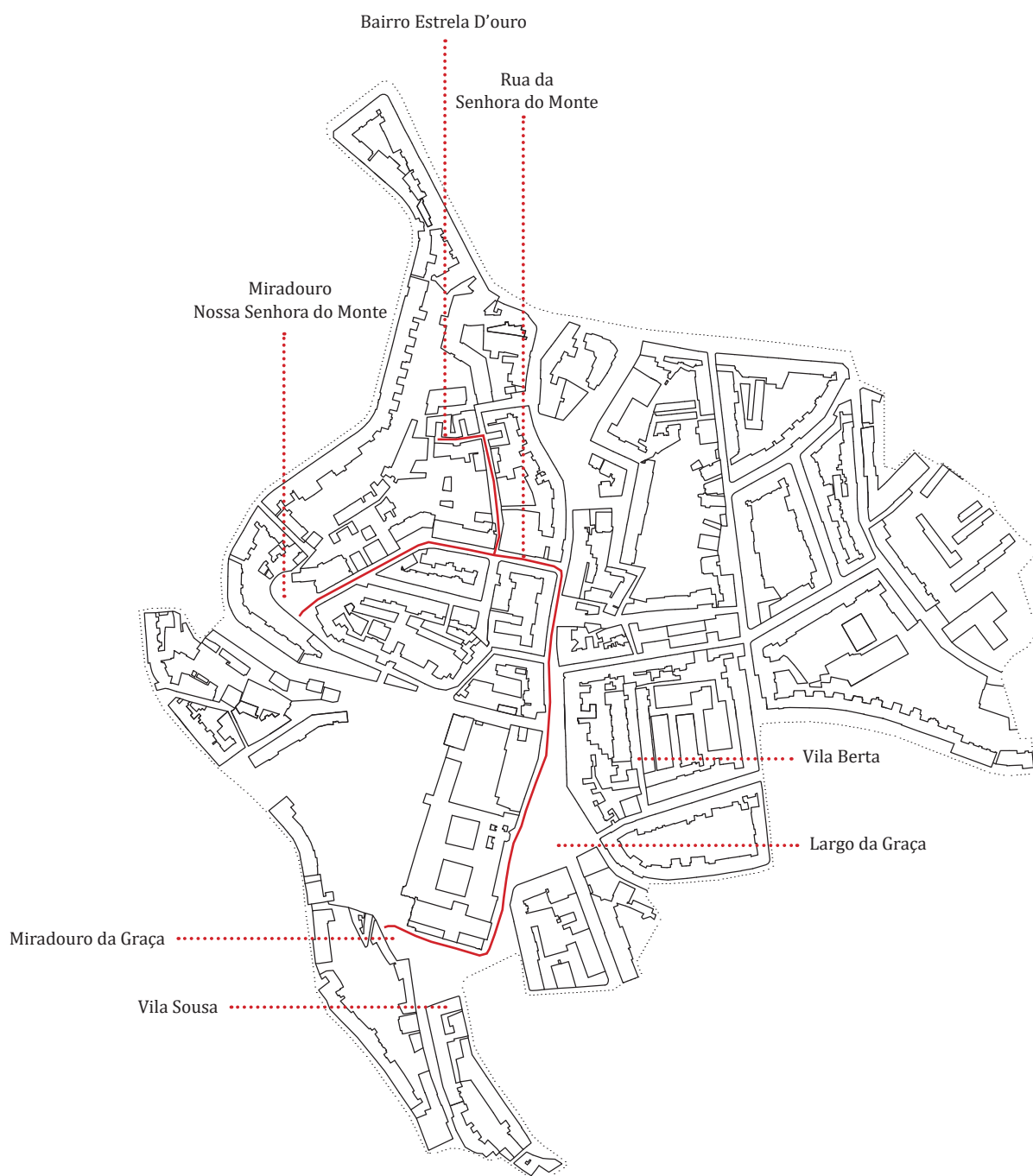


Figura 26. Mapa de localização, referente à deriva pelo bairro da Graça.  
Fonte: elaborado pela autora, 2016.



Figura 27. Subida em direcção ao Miradouro da Senhora do Monte. Rua da Senhora do Monte.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.



Figura 28. Vista sobre a cidade de Lisboa a partir do Miradouro da Senhora do Monte.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.



Figura 29. Vista sobre a cidade de Lisboa a partir da casa de uma amiga. Largo da Graça.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.



Figura 30. A caminho do Miradouro da Graça. Calçada da Graça. Fonte: elaborada pela autora, 2016.





Figura 31. Vista sobre a cidade de Lisboa a partir do Miradouro da Graça.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.



Figura 32. Miradouro da Graça. Fonte: elaborada pela autora, 2016.



Figura 33. Interior do quarteirão da Vila Sousa.Largo da Graça.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.



Figura 34. Vila Sousa. Largo da Graça.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.





Figura 35. Porta de entrada da Vila Berta. Fonte: elaborada pela autora, 2016.



Figura 36. Interior da Vila Berta. Fonte: elaborada pela autora, 2016.



Figura 37. Interior da Vila Berta II.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.



Figura 38. Galeria. Antiga vila operária Estrela D'ouro.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.



Figura 39. Antiga vila operária Estrela D'ouro II.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.





Figura 40. Antiga vila operária Estrela D'ouro III.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.



Figura 41. Roupa estendida na Rua da Senhora do Monte.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.

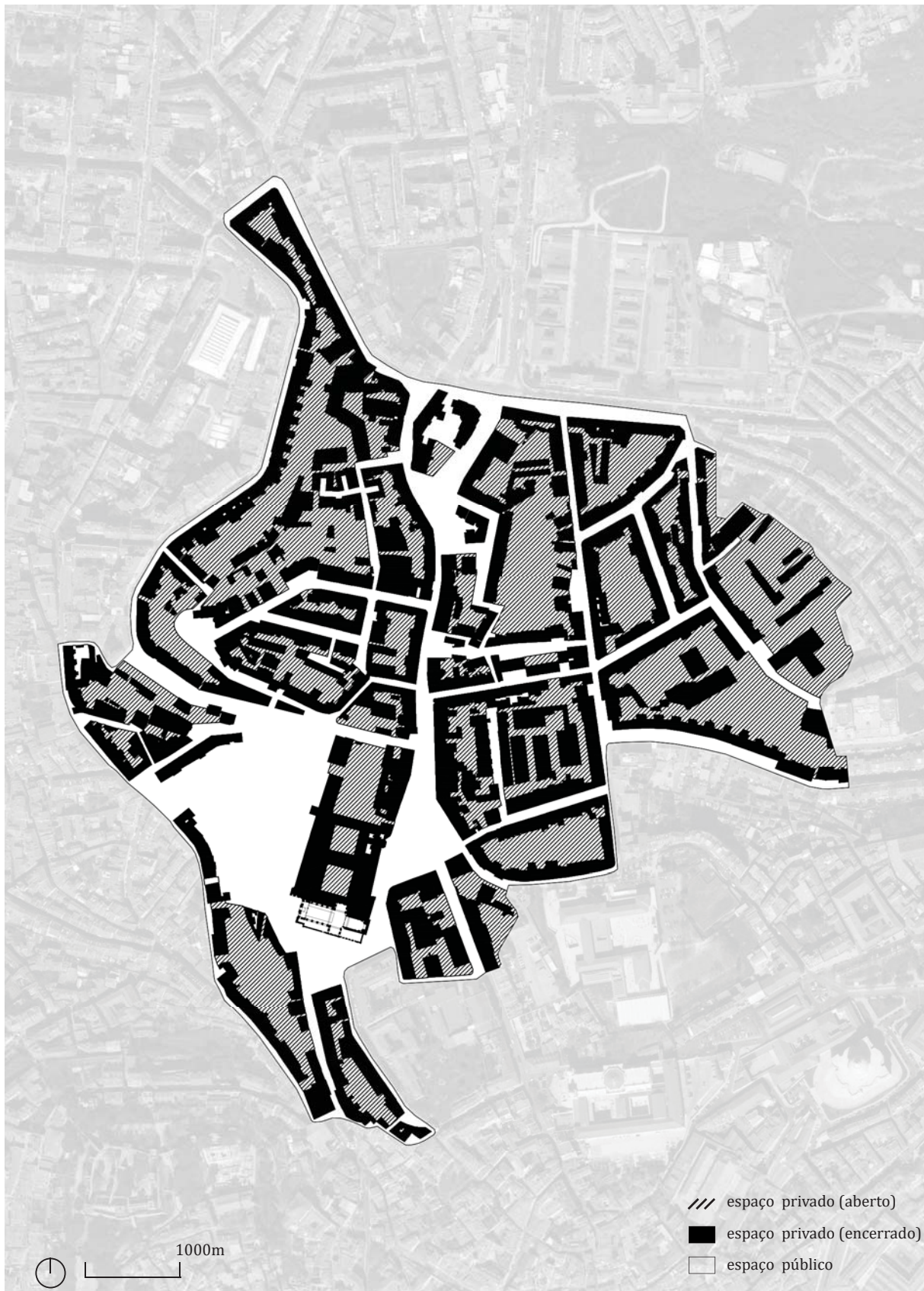


Figura 42. Varanda na Rua da Senhora do Monte  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.



### 3.1.2. Análise Nolli

#### Mapeamento do território





A consolidação urbana do bairro da Graça foi maioritariamente alcançada no período correspondente à primeira Revolução Industrial com a construção de bairros e vilas operárias. No entanto, a memória do lugar remonta a um tempo bastante mais antigo. O enorme convento da Graça, que posteriormente deu o nome ao bairro, foi construído no século XIII. Nesta época, o território do bairro encontrava-se fora dos contornos da cidade Moura. Mais tarde, no século XIV, a cerca Fernandina passou a incluir apenas o Convento no seu perímetro.

*O século de setecentos encontrara já a Graça feita, e, aquando do Terramoto, as linhas à beira da Estrada Velha – Largo e Rua da Graça – até quatro caminhos, iam edificadas.*<sup>31</sup>

Há que realçar a presença das vilas operárias com estima urbanística e arquitectónica assinalável no bairro, sendo que as suas construções datam do primeiro quartel do séc. XIX.

A Vila Sousa, que resultou da reconfiguração do antigo palácio Val Reis, a Vila Estrela de Ouro e a Vila Berta são exemplares destas novas tipologias.

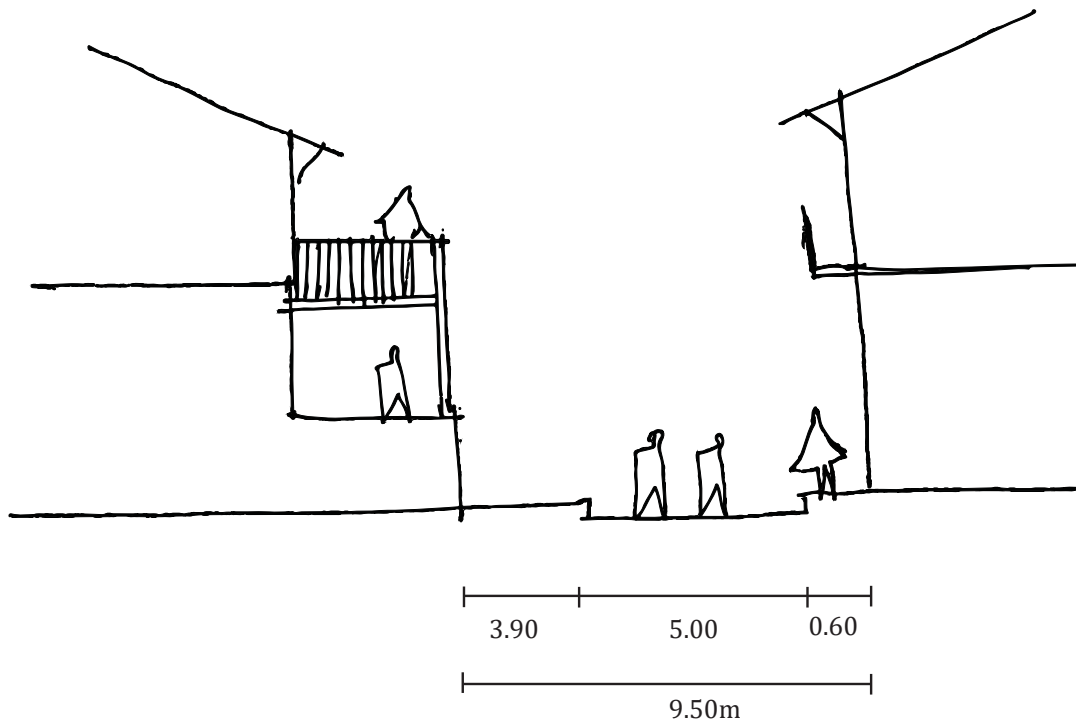
O facto de o bairro abrigar a presença da classe operária, acaba por desencadear a construção de edifícios de apoio às diversas associações criadas em nome da defesa das condições de trabalho da classe, entre as quais se destaca a Voz do Operário. Construíram-se ainda outras estruturas de apoio à comunidade ali residente, tais como escolas e creches. A Graça foi, portanto, construída ao longo de uma significativa variação temporal, confrontando a realidade de uma construção sedimentar, ainda medieval, e a construção estruturas urbanísticas planeadas de natureza moderna.

---

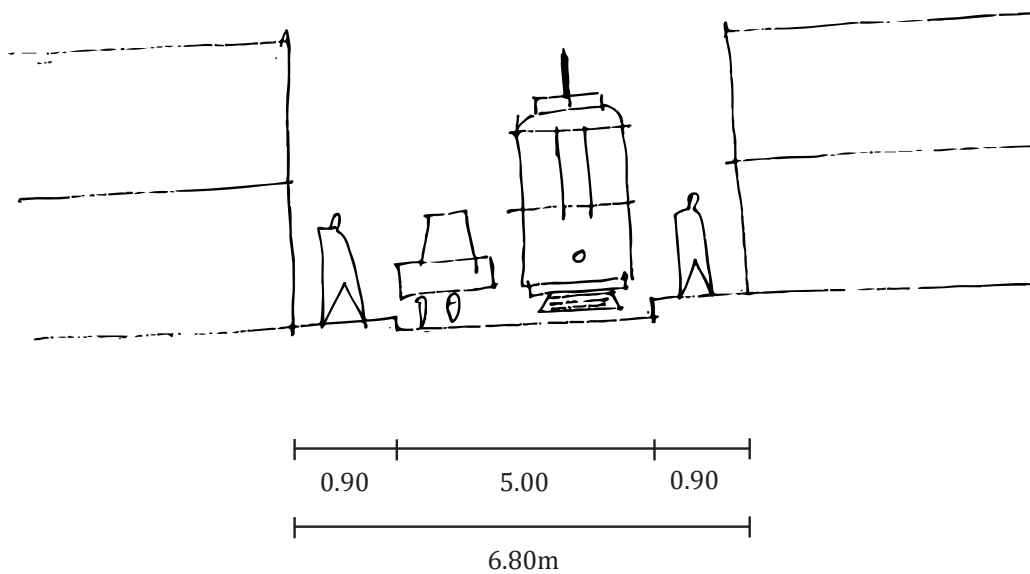
31 ARAÚJO, Norberto — Peregrinações em Lisboa. Lisboa: Vega, 1939. p.42

### 3.1.3. Análise Morfológica - Ruas

Vila Berta - Passeio | Trânsito automóvel exclusivo a moradores | Passeio



Rua da Graça - Passeio | Trânsito Automóvel | Passeio



### 3.2. Gracia

*Esa forma rectangular de las plazas junto con el trazado longitudinal de torrentes y rieras y el eje de coordenadas formado por Gran de Gràcia y la Travessera, conforman un entramado viario relativamente ortogonal, precursor espúreo de lo que será más tarde el programado ensanche de Ildefonso Cerdà.*<sup>32</sup>

---

32 BOHIGAS, Glòria y MONTENEGRO, Jorge — **Trabajos de campo e itinerarios urbanos, un recorrido por Gracia.** Barcelona: Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales, 2000.

### 3.1.1. Apontamentos fenomenológicos

- Deriva pelo bairro da Gracia : interpretação imagética

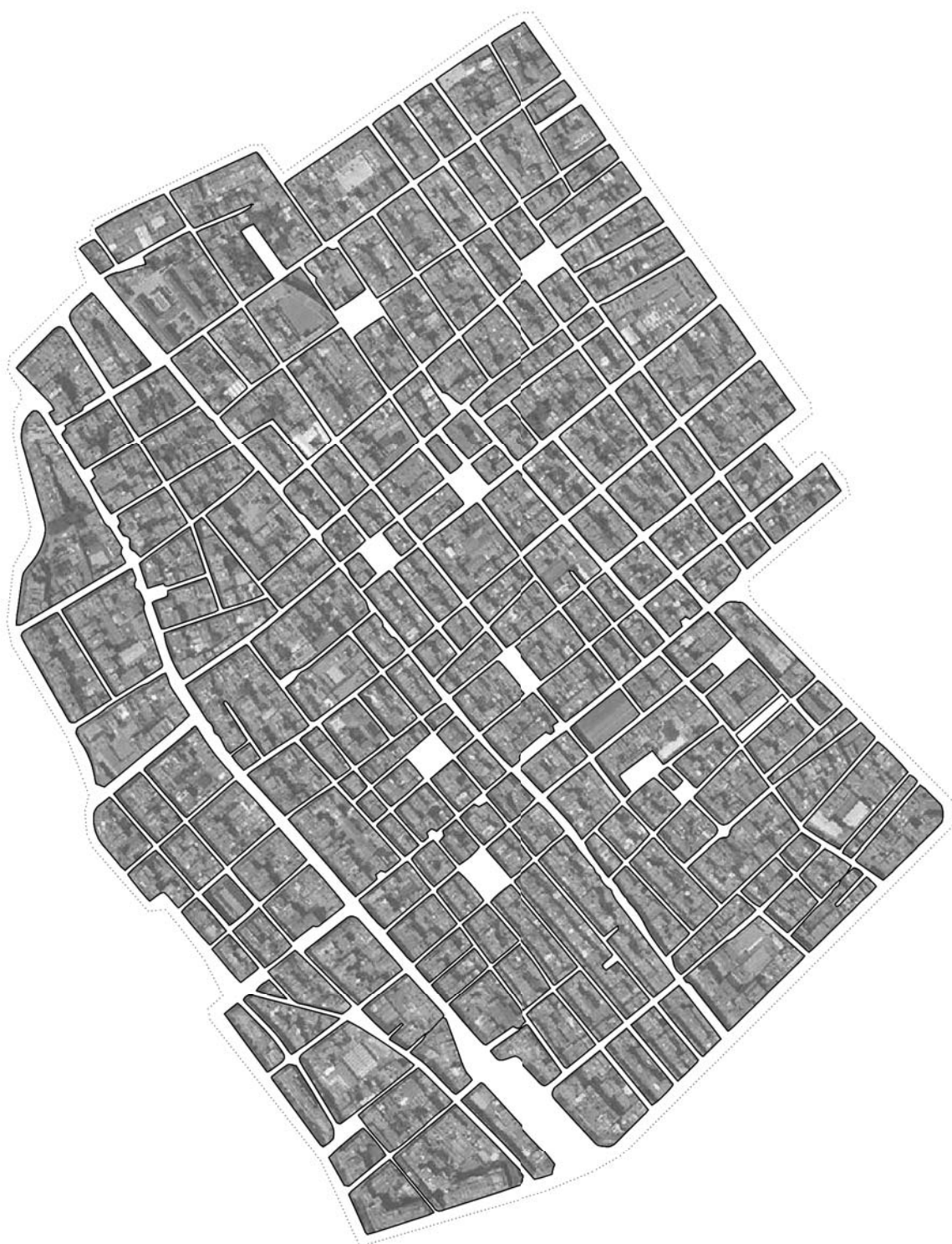


Figura 44. Tecido urbano do bairro da Gracia.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.

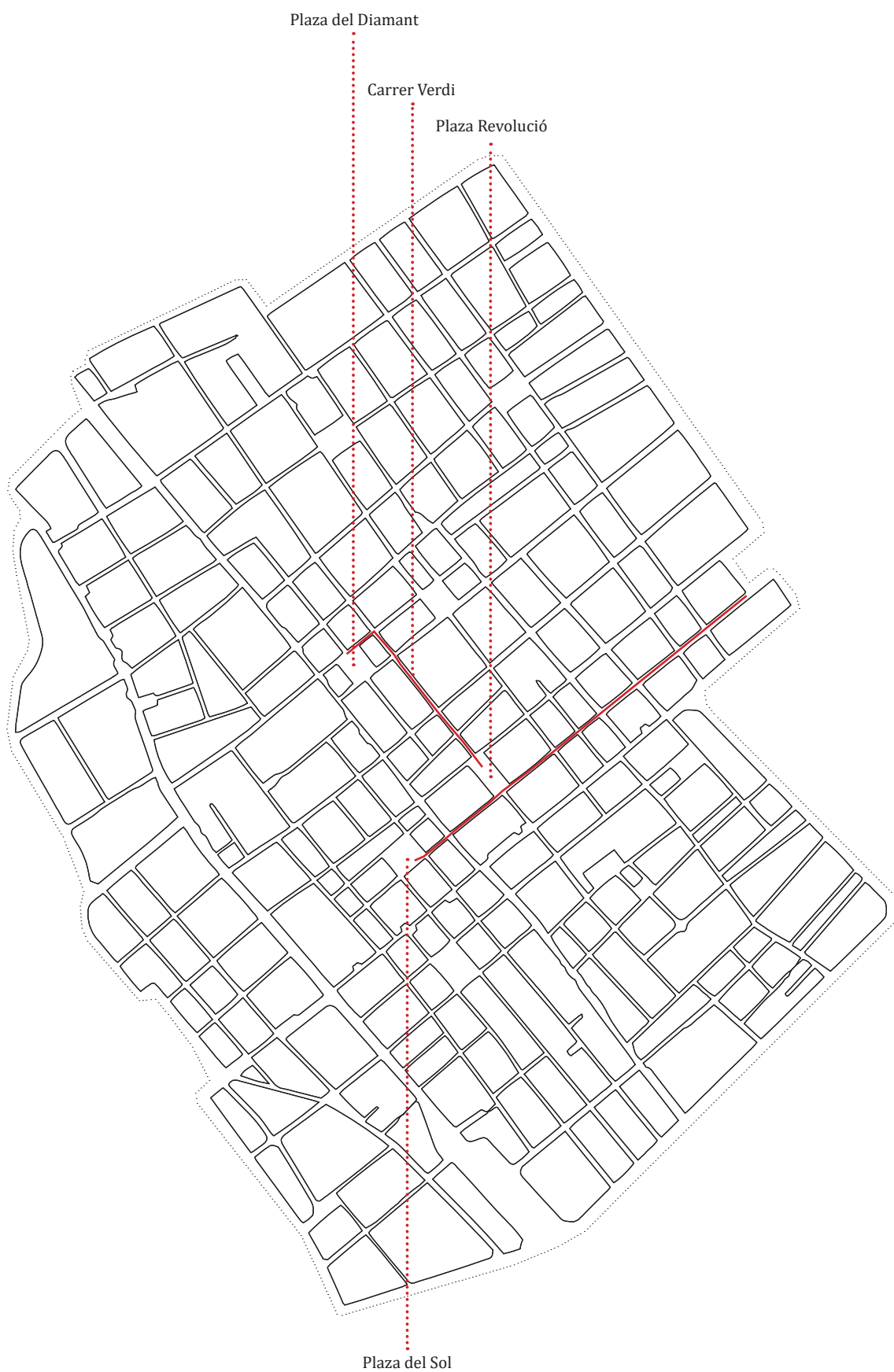


Figura 45. Mapa de localização referente à deriva pelo bairro de Gràcia.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.



Figura 46. Plaza del Sol num final de tarde .  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.





Figura 47. Plaza del Sol num final de tarde II.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.





Figura 48. Carrer Verdi. A olhar para Norte.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.



Figura 49. A caminho da plaza Revolució. Carrer Verdi.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.



Figura 50. Paza Revolució, de manhã.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.



Figura 51. Plaza Revolució à tarde.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.





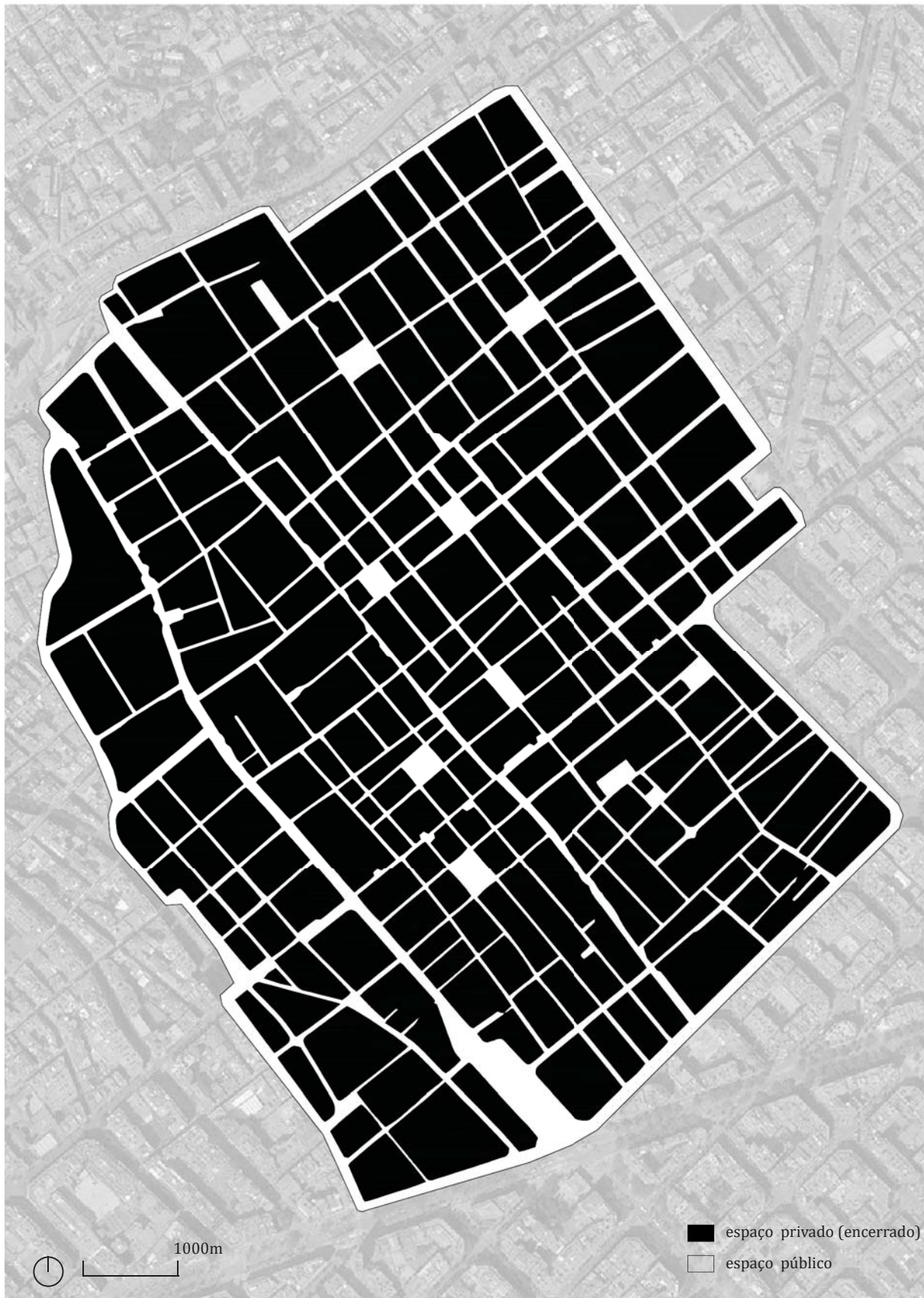
Figura 52. Esplanada na Plaza del Diamant.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.



Figura 53. Plaza del Diamant.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.

### 3.2.2. Análise Nolli

- Mapeamento do território





O bairro da Gracia corresponde à antiga Villa de Gracia, que funcionava de forma independente da cidade de Barcelona, estando localizada fora das antigas muralhas que delimitavam a cidade. Actualmente é um dos dez distritos que a compõem.

O bairro é construído na primeira metade do século XIX, sendo-lhe reconhecidas qualidades convenientes à sua construção, ao nível da topografia praticamente plana e das muitas ribeiras que aqui desembocavam. Juntamente com estes factores, a Rua Gran de Gracia e a Travesera de Gracia servem de referência ao desenho ortogonal urbano do bairro.

Há a referir ainda as praças retangulares enquanto elementos estruturantes do desenho urbano bem como o facto de reunirem verdadeiramente a vida do bairro dando lugar às vivências sociais e à promoção da programação cultural.

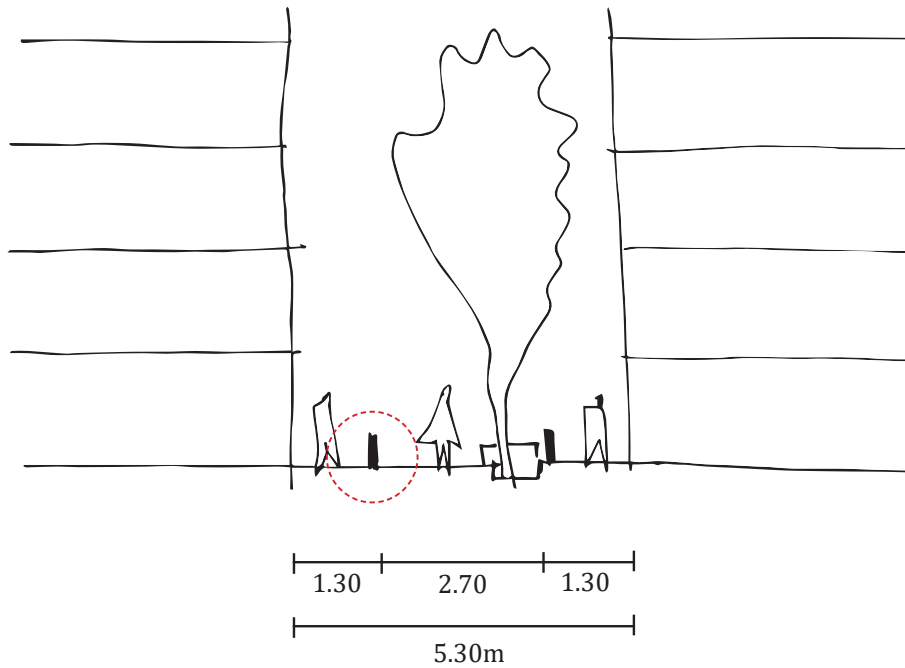
Interessa-nos concluir referindo que o plano da Gracia foi um dos primeiros planos modernos a serem executados na cidade de Barcelona, antecedendo o revolucionário e importante plano de Cerdà.

### 3.2.3. Análise Morfológica

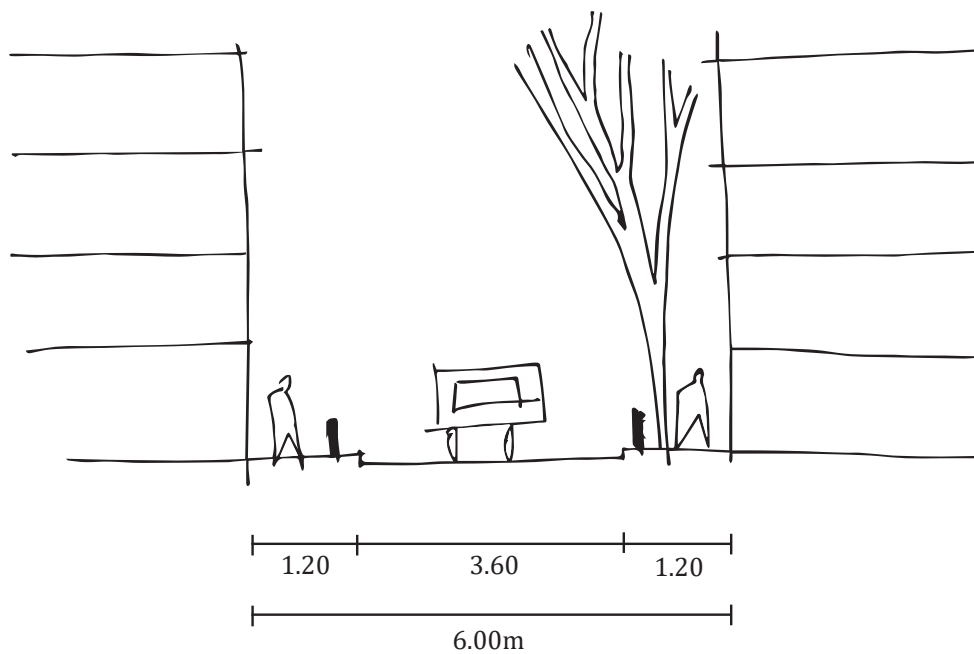
#### - Secção das Ruas

Carrer Verdi - Rua Pedonal.

Elementos que bloqueiam o trânsito automóvel.



Carrer Torrent de L'olla - Passeio | Trânsito Automóvel |  
Passeio



### 3.3. Alto de Santo Amaro

*O bairro (novo) de Santo Amaro, paredes meias com o do Calvário, obedeceu ao destino urbanista de lisboa «que extravasava» sempre da área central.* <sup>33</sup>

---

33 ARAÚJO, Norberto — **Peregrinações em Lisboa**. Lisboa: Vega, 1939. p.46

### 3.1.1. Apontamentos Fenomenológicos

- Deriva pelo bairro da Graça : interpretação imagética



Figura 55. Tecido urbano do bairro de Santo Amaro.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.



Figura 56. Mapa de localização referente à deriva pelo bairro de Santo Amaro.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.



Figura 57. A cidade a partir do miradouro do Alto de Santo Amaro.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.



Figura 58. A cidade a partir do Miradouro do Alto de Santo Amaro II.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.





Figura 59. A cidade a partir do Miradouro do Alto de Santo Amaro III.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.



Figura 60. Miradouro da Ermida do Alto de Santo Amaro.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.

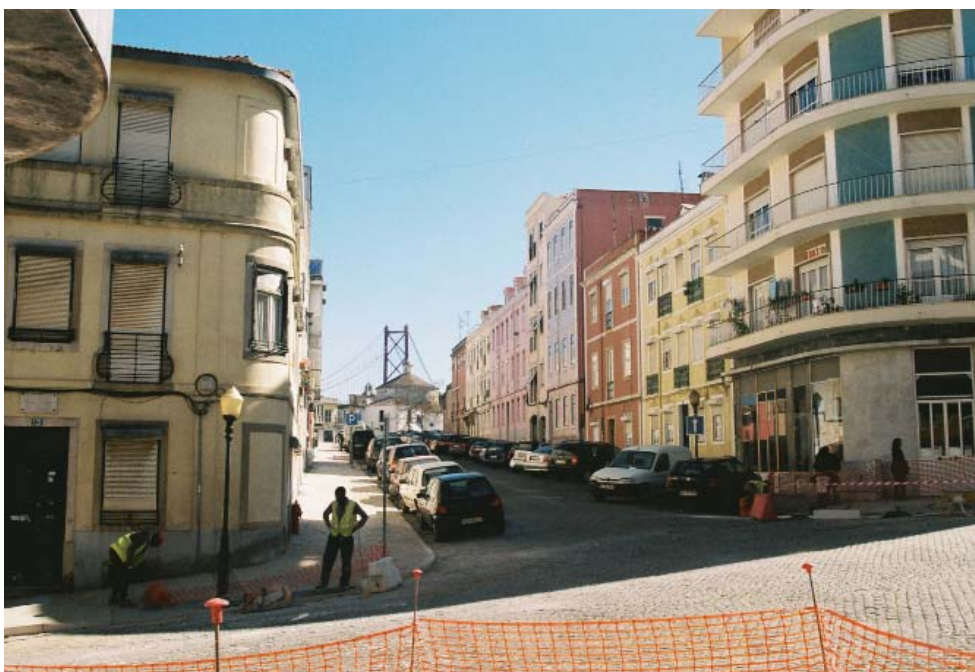


Figura 61. Rua Gil Vicente. A olhar para a Ermida e a ponte 25 de Abril ao fundo.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.



Figura 62. Rua dos Lusíadas.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.



Figura 63. Roupa estendida sobre a rua. Rua Sá de Miranda.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.





Figura 64. Palácio Burnay, a partir da Ermida.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.



Figura 65. Espaço público verde. Jardim Avelar Brotero.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.



### 3.3.2. Análise Nolli

#### Mapeamento do território





Os terrenos pertencentes ao bairro do Alto de Santo Amaro correspondiam antigamente ao morgadio explorado pela família Saldanha, tendo sido cedidos pelo Rei para fins de arrendamento e exploração agrícola. Nesse sentido, a zona mais a sul, vizinha à Rua da Junqueira, acomodava quintas e palácios burgueses e as restantes terras encerravam essencialmente um uso agrícola.

A Calçada de Santo Amaro é a artéria mais antiga do bairro e por conseguinte a primeira a organizar o seu desenho, oferecendo o acesso à Ermida de Santo Amaro e prolongando-se até à Rua da Junqueira pelas escadinhas de Santo Amaro. O tecido urbano do lugar em questão resulta de um processo de ordenamento e de planeamento urbanístico tal como conta Norberto Araújo, referindo-se ao mesmo como “um xadrez de ruas desafogadas”.<sup>34</sup>

Há que destacar a existência dos dois eixos ortogonais que estruturam hierarquicamente o tecido urbano do bairro pelas suas dimensões superiores, sendo eles a Rua dos Lusíadas e a Rua Luís de Camões. A construção procedente deste novo plano enquadra-se no início do século XX, contudo os Palácios construídos na Rua Jau são anteriores ao mesmo.

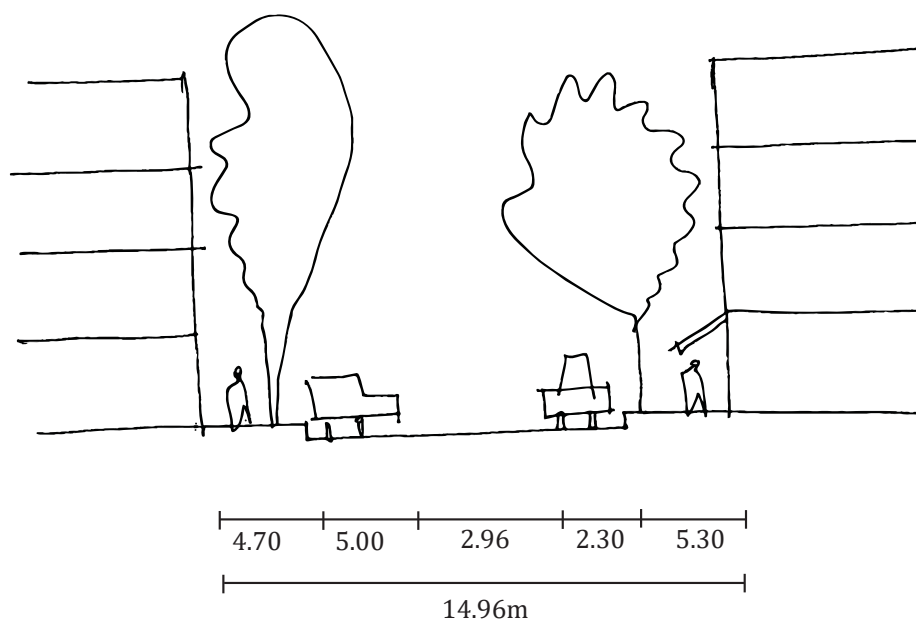
### 3.3.3. Análise Morfológica

#### - Secção das Ruas

Rua Luís de Camões -

Passeio | Estacionamento | Trânsito Automóvel |

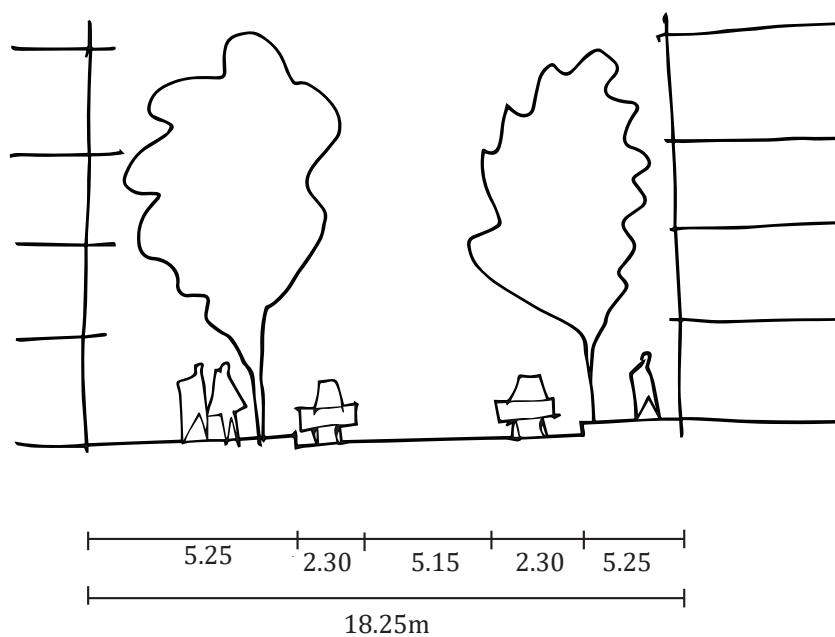
Estacionamento | Passeio



Rua Pedro Calmon -

Passeio | Estacionamento | Trânsito Automóvel |

Estacionamento | Passeio



## 4. Projecto



#### 4.1. Proposta para a morfologia Urbana

As referências observadas no desenvolvimento da proposta urbana decorrem necessariamente da informação recolhida a partir das análises dos casos de estudo expostas no anterior capítulo, destacando-se o contributo determinante do espaço público sobre *a ideia de bairro*.

A primeira resolução operativa propõe a demolição das pré-existências localizadas no lugar de desenvolvimento da proposta, atendendo ao contexto e aos princípios desenvolvidos na investigação. Assim, o conjunto de habitações espontâneas e construídas pelos moradores compreende um núcleo desviado do contexto urbano envolvente, tal como se explica no capítulo introdutório, assumindo-se como território isolado – *uma espécie de ilha* – de carácter rural ou sub-urbano. Existe, portanto, uma relação dispersa entre as habitações unifamiliares e autoconstruídas e o tecido urbano pré-existente, a nascente. Concluindo, porque a morfologia em questão não desenvolve uma relação mínima de continuidade e reconhecimento do universo urbano que constitui o Bairro do Alto de Santo Amaro, decide-se pela sua reconfiguração através do projecto.

O programa tem uma natureza habitacional, pois vai no sentido de reconstituir as condições vivenciais prévias às quais se associam agora relações significantes com espaços colectivos adjacentes, quebrando-se o seu isolamento.

Como se refere anteriormente, não está na natureza deste trabalho o aprofundamento das questões políticas, económicas e sociológicas que alimentam a gentrificação e outras assimetrias no que respeita à *casa* e à *cidade*. Nesse sentido, a possibilidade do projecto reclama um optimismo

onde as questões do programa, das escolhas tipológicas e morfológicas passam a aferir-se dentro do seu quadro operativo próprio (semi-especializado).

Neste sentido, propõe-se o realojamento dos actuais moradores segundo uma nova morfologia assumidamente urbana adoptando uma lógica de densificação e continuidade; reconhecendo as características da urbanidade pré-existente e assumindo o privilégio do espaço público sobre o espaço privado.

A segunda decisão subentendida no desenho da proposta refere-se ao prolongamento da Rua Felipe Vaz, indo ao encontro da Rua dos Lusíadas, um dos dois eixos ortogonais e estruturantes do tecido urbano até à zona do Rio Seco, possibilitando a ligação entre as duas zonas.

O desenho do edificado proposto resulta do negativo do desenho do espaço público, estabelecendo-se uma intencionalidade ao nível da prioridade hierárquica do *espaço público* sobre o *espaço privado*. A proposta opta por seguir este tipo de raciocínio no sentido em que “(...) a definição da morfologia urbana fixa-se ao ser definida a morfologia do espaço exterior. O que significa que a substantivação do espaço urbano só é conseguida através da sua valorização como objecto arquitectónico, ou seja, quando funciona como elemento indutor das formas construídas.”<sup>34</sup>

Assim, optou-se por desenhar três estruturas-tipo, à imagem dos espaços reconhecidos na análise fenomenológica e morfológica dos bairros em estudo. A *rua*, o *largo* e a *praça*

<sup>34</sup> VALSASSIN HEITOR, Teresa — **A vulnerabilidade do espaço em Chelas**. Uma abordagem sintática. Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p.27



dão origem à forma dos três blocos habitacionais que os delimitam.

A rua imaginada tem como referência as Ruas do Bairro da Gracia – de utilização mista e nivelada em relação ao passeio e à faixa de circulação. O trânsito pedonal é defendido através da presença de elementos que pontuam e limitam o passeio, bloqueando o acesso aos carros.

Pretendeu-se reduzir o número de vias de circulação de trânsito automóvel, privilegiando assim a continuidade do percurso pedonal.

O largo, por sua vez, estabelece uma relação visual directa e de proximidade com a praça, enunciando a sua existência, sendo que o atravessamento que os conecta decorre do alinhamento com a travessa Conde da Ribeira, possibilitando os enfiamentos visuais e transversais ao Rio.

Por fim, a praça configura o lugar público de encontro por excelência, aberto a uma larga vista sobre a cidade, neste caso.

Há ainda a acrescentar que a forma do conjunto resulta de um reconhecimento da topografia disponível, propondo-se a demarcação de dois níveis altimétricos de desenvolvimento da proposta. Pretende-se com esta vontade o aproveitamento do declive e da forma natural do terreno. O primeiro nível, sendo o nível mais elevado, é praticamente plano, vencendo-se um desnível equivalente a 3 pisos no nível inferior, sendo que o edifício correspondente ao segundo nível acaba por funcionar como muro de contenção das terras.

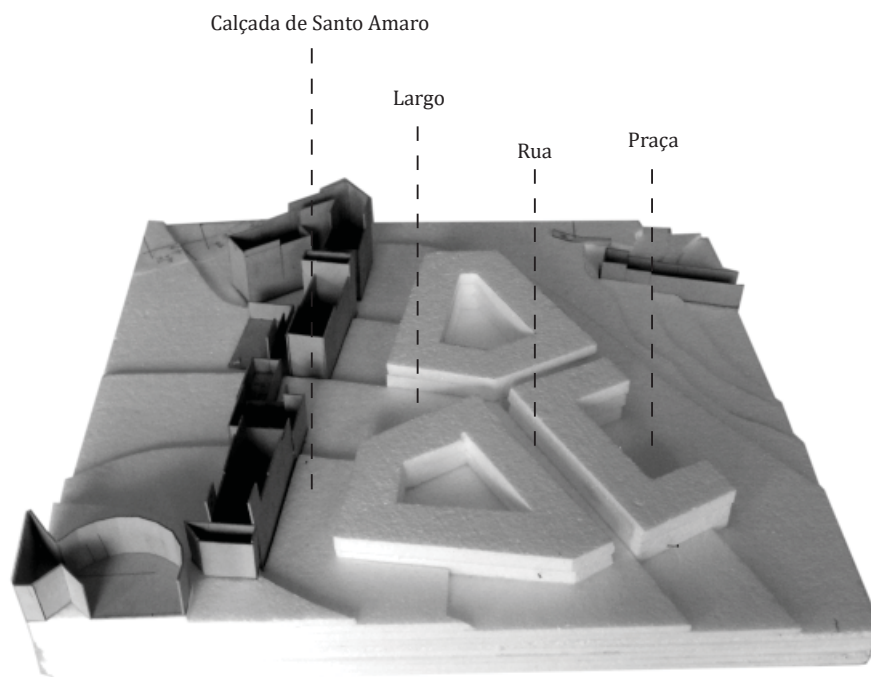


Figura 68. Proposta urbana. Maquete de trabalho. Versão Provisória.  
Fonte: realizado pela autora, 2016.

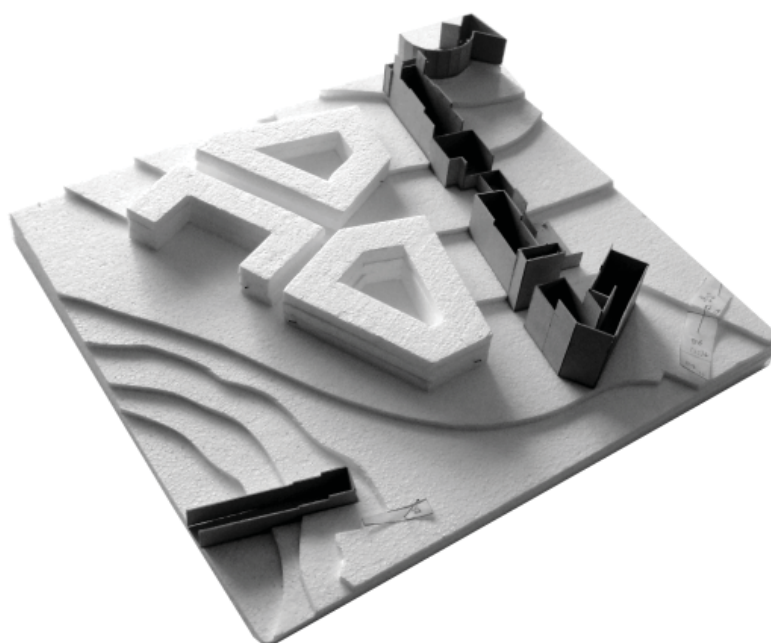


Figura 69. Proposta urbana. Maquete de trabalho. Versão Provisória.  
Fonte: realizada pela autora, 2016.





## 4.2. Proposta para as tipologias residenciais

*To put it even more strongly: architecture should offer an incentive to its users to influence it wherever possible, not merely to reinforce its identity but more specially to enhance and affirm the identity of its user.* <sup>35</sup>

A resposta tipológica dos fogos investiga um conjunto de princípios que se consideram determinantes para potenciar a liberdade e variedade de apropriações por parte dos seus habitantes. Deste modo, surgem como referentes orientadores deste pensamento princípios de conformação da casa que exploram as possibilidades da *polivalência*, da *flexibilidade* e uma relativa *neutralidade funcionalista* na conformação dos espaços.

Em Hertzberger, o conceito de *polivalência* surge como uma valia acrescentada à concepção do fogo no sentido de conferir uma melhor resposta à imprevisibilidade de exigências que se vão alterando ao longo do tempo. Assim, se o espaço assumir características neutras e polivalentes poderá acolher pacificamente diferentes actividades.

Encontramo-nos, portanto, numa postura contrária ao paradigma estabelecido pelo movimento moderno, onde a especialização tipológica e o determinismo funcional são tópicos transversais tanto quanto a casa moderna como à cidade moderna, como se tem vindo a defender.

---

35 HERTZBERGER, Herman — **Lessons for students in architecture**. Rotterdam: 010 Publishers, p.148

É nesse sentido que se investigam nas arquitecturas pré-modernas um conjunto importante de analogias operativas que se tornam decisivas na configuração dos fogos na proposta. A saber:

- A equivalência dimensional das áreas dos compartimentos;
- A ambiguidade funcional;
- A existência de um compartimento com maior grau de autonomia, implicando a existência da dupla entrada;
- A simplificação e economia do espaço de circulação;
- A comunicação entre compartimentos.

Recolheu-se, neste sentido, dois exemplos que verificam os princípios enunciados. A casa pombalina, com origem no século XVIII e enquadrada no contexto da extensa reconstrução da cidade de Lisboa após o terramoto de 1755 oferece uma resolução ilustrativa destes princípios.

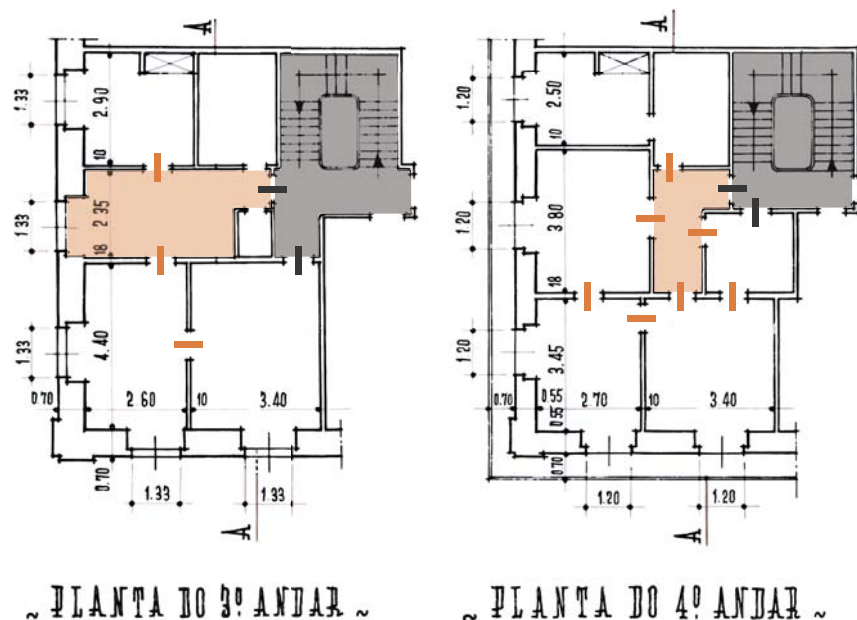
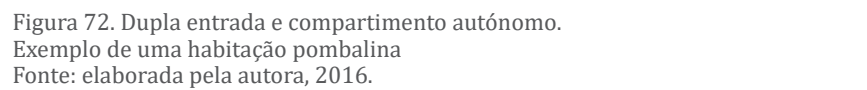
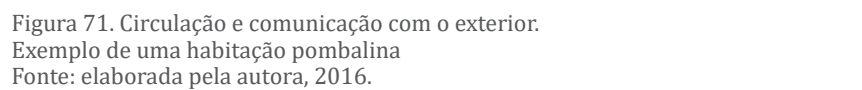


Figura 70. Sistema de distribuição da casa.  
Exemplo de uma habitação pombalina  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.





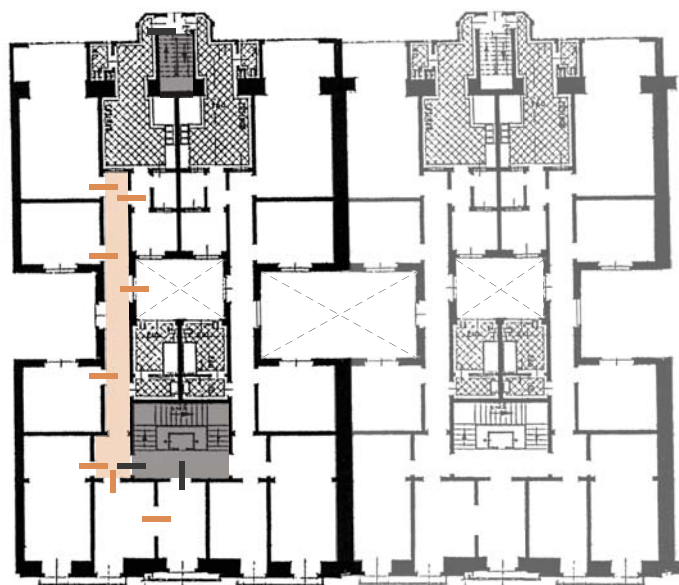


Figura 73. Sistema de distribuição da casa.  
Exemplo de uma habitação nas Avenidas Novas  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.

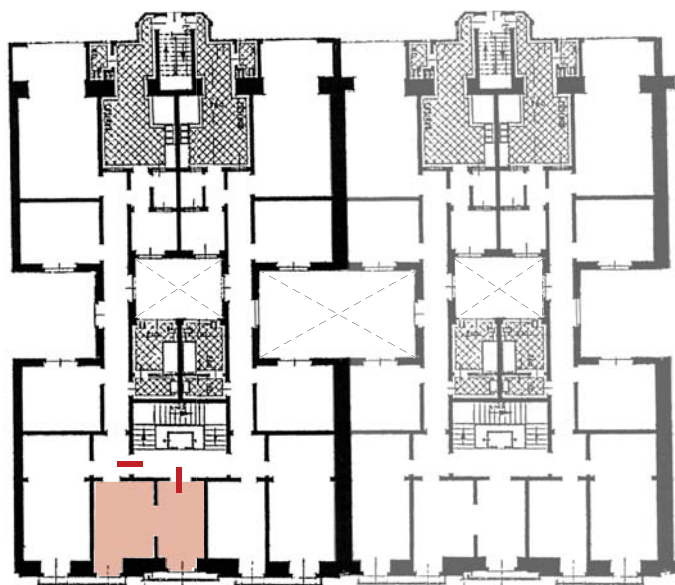


Figura 74. Dupla entrada e compartimento autónomo.  
Exemplo de uma habitação nas Avenidas Novas.  
Fonte: elaborada pela autora, 2016.

A equivalência dimensional que resulta da compartimentação das divisões da casa possibilita uma multiplicidade de apropriações do espaço por parte dos seus utilizadores. Resumindo, os compartimentos não estão pré-determinados a uma função específica tal como reconhecemos de forma comum na maioria das casas dos dias de hoje.

No sentido de contrariar a especialização funcionalista, são propostas duas tipologias complementares designadas por *casa grande* e *casa pequena*, sendo que a partir desta matriz de manifesta simplicidade incrementada das estratégias de variação e associação descritas, se possa desdobrar numa quantidade razoável de modelos e variantes apropriáveis.

A ambiguidade funcional dos compartimentos a que nos referimos torna-se deste modo evidente, verificando-se de igual modo no caso das habitações das Avenidas Novas.

Acrescenta-se ainda a mais valia da dupla entrada nos dois casos de estudo. A existência da antiga entrada de serviço aumenta o leque de possibilidades de utilização da casa conferindo um maior grau de autonomia a um dos compartimentos e promovendo a possibilidade do seu arrendamento.

No que respeita à questão das infraestruturas, no caso da habitação pombalina não estava ainda prevista a existência de instalações sanitárias. Por sua vez, nas habitações das Avenidas Novas, as zonas húmidas da casa encontram-se adossadas ao saguão e à fachada, tratando-se de uma casa com empena funda e podendo deste modo facilitar questões de ventilação e iluminação da casa.

Na proposta das casas desenvolvidas, as instalações sanitárias

correspondem à zona mais interior da casa, encontrando-se ligadas à zona de circulação e distribuição, a fim de não comprometer o carácter neutro e a ambiguidade funcional dos compartimentos.

Há a sobressair a ideia da existência de *elementos fixos* na casa, correspondentes às áreas infraestruturais (instalações sanitárias e cozinhas) bem como os elementos estruturais que definem o esqueleto do edifício. A estrutura (assimétrica) recebe os elementos móveis que compartimentam e alteram o espaço. Os *elementos móveis* possibilitam igualmente o carácter de flexibilidade e polivalência, oferecendo uma variedade de opções de apropriação do espaço, permitindo a compartimentação, a comunicação entre compartimentos ou o enunciado de zonas distintas (ex: zona de trabalho, zona de refeição), atendendo às necessidades e deliberações por parte dos seus habitantes.

As casas projectadas favorecem ainda um prolongamento para o exterior, privilegiando a convivência próxima com a Rua, de acordo com os princípios defendidos na proposta urbana. Possibilita-se ainda a circulação pelo exterior através da existência de portas em todos os compartimentos comunicantes com a fachada.

A lógica de agregação das casas segue um sistema distributivo esquerdo/direito, servindo o acesso a quatro entradas distintas, sendo que a cada fogo correspondem duas entradas, como referimos anteriormente. O desenho dos gavetos e das tipologias excepcionais procura expressar os princípios a cima descritos, requerendo inevitavelmente um desenho singular

e ajustado à sua geometria.

O processo de investigação e o desenvolvimento da proposta tinham como objecto principal o questionamento acerca do contexto urbano, incidindo em particular na escala

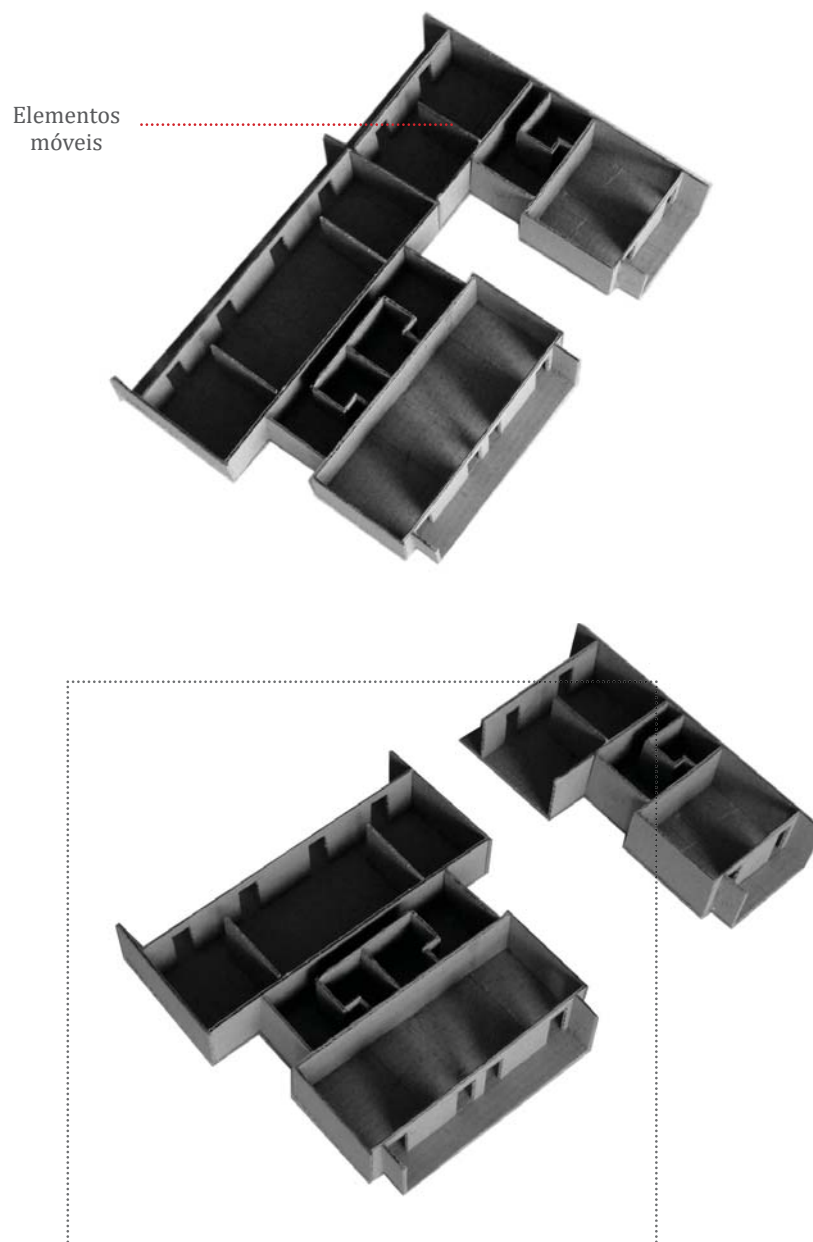


Figura 75. Possibilidade de agregação de duas casas pequenas, convertendo-se numa casa grande. Maqueta de trabalho. Versão Provisória.  
Fonte: elaborado pela autora, 2016.

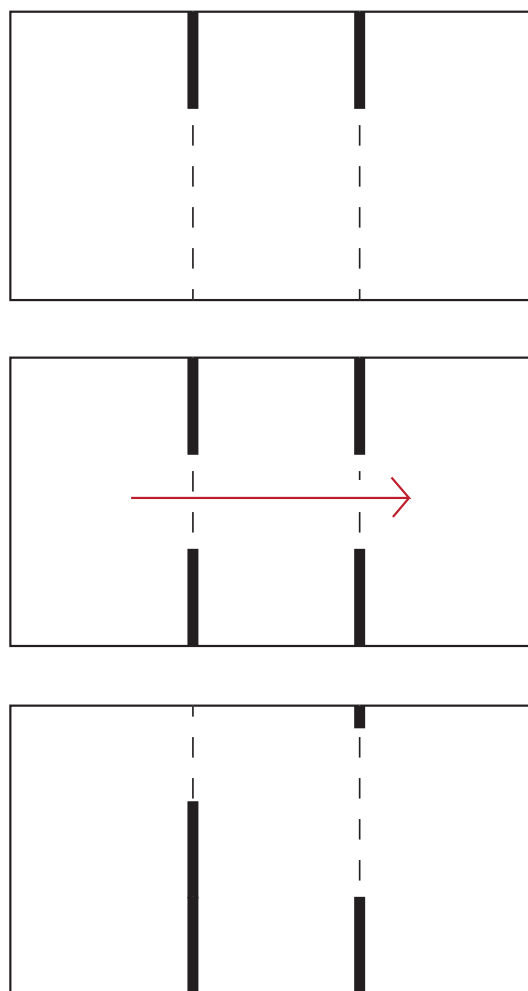


Figura 76. Esquema ilustrativo das possibilidades de utilização dos elementos móveis (painéis de correr).  
Fonte: elaborado pela autora, 2016.



## 5. Considerações Finais

referencial do bairro, não só enquanto estrutura morfológica e organizadora do território, como também enquanto suporte social e comunitário para os seus habitantes. Ao mesmo tempo, a realidade marginal e suburbana que constituía o território físico a intervir colocou-nos o desafio de conversão em lugar verdadeiramente urbano, parte integrante da vida na cidade. Desenvolveu-se ainda a pretexto, e neste sentido, uma sensibilidade sobre questões como a *autoconstrução*, a existência de territórios isolados e desligados de um contexto próximo e a problemática do *realojamento*.

Evidenciou-se ainda, ao longo do discurso que se conclui na forma do projecto, a perspectiva individual e subjectiva enquanto possibilidade ajustada e ferramenta de estudo do território, apoiando-nos no trabalho desenvolvido pelo movimento situacionista e por Gordon Cullen. A deriva operativa pelos lugares análogos permitiu apurar um conhecimento intuitivo, assumindo-se como dado precioso e enriquecedor na prática da disciplina de arquitectura.

Nesta aproximação às atmosferas urbanas, operámos a partir do reconhecimento de duas grandes tipologias nas quais podemos inscrever disciplinarmente as cidades - a cidade tradicional e a cidade moderna. Conscientes de que ao último modelo está subjacente uma lógica de ocupação racional do espaço e como mencionado anteriormente, apesar de não ser possível reproduzir os moldes da cidade tradicional na actualidade, importa estudar na sua morfologia, as qualidades que lhe podem ser reconhecidas, de forma comum.

Sob o ponto de vista prático de desenvolvimento da proposta, pretendeu-se seguir, portanto, uma conformidade com as premissas enunciadas, adoptando uma lógica de densificação e de continuidade a partir do tecido pré-existente. Assumindo que o espaço público é por excelência, o lugar que possibilita a coexistência de diferenças, procurámos colocar a

imaginação da arquitectura ao serviço de um projecto social e comunitário.





## 7. Bibliografia

ARAÚJO, Norberto — **Peregrinações em Lisboa**. Lisboa: Vega, 1939.

BECKER, Annette ; TOSTÕES, Ana; WANG, Wilfried — **Arquitectura do Século XX**. AAVV, Portugal, 1997.

BLUNDELL, Peter ; PETRESCO, Doina; TILL, Jeremy — **Architecture and Participation**. Spon Press, Routledge, 2012.

BOHIGAS, Glória; MONTENEGRO, Jorge — **Trabajos de campo e itinerários urbanos, un recorrido por Gracia**. Barcelona: Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales, 2000.

CULLEN, Gordon — **Paisagem Urbana**. Lisboa: Edições 70, Lda., 1983.

EATON, Ruth — **Ideal Cities and the unbuilt environment**. Thames & Hudson, 2002.

GEHL, Jan — **Cidades para pessoas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015

GEHL, Jan — **La humanización del espacio urbano**. Barcelona: Editorial Reverté, S.A, 2006.

GUERÍN, José Luís — **En Construcción**. [Registo vídeo]. Espanha: Ovideo TV, 2001. (DVD) (125min)

HABRAKEN, N.J. — **The structure of the ordinary form and control in the built environment**. The Mit Press, Cambridge, 1998.

HERTZBERGER, Herman — **Lessons for students in architecture.**  
Rotterdam: 010 Publishers.

JACOBS, Jane — **Morte e vida das grandes cidades.** São Paulo:  
WMF Martins Fontes, 2014.

KOSTOF, Spiro — **The City assembled. The elements of urban  
through history.** Little Brown, Boston, 1992.

KOSTOF, Spiro — **The City shaped. Urban patterns and meanings  
through history.** Little Brown, New York, 1991.

MERRIFIELD, Andy — **Constant's New Babylon.** Harvard Design  
Magazine, Number 12 (2000). p1-p5

PALLASMAA, Juani — **The eyes of the skin.** London: Academy  
Editions, 1995.

ROWE, Colin; KOETTER, Fred — **Collage City.** The Mit Press,  
Cambridge, Massachussets, 1983.

VIDLER, Anthony — **The scenes of the street and other essays.**  
The Monacelli Press, New York, 2011.







## 8. Anexos

- Processo de trabalho. Maquetes e desenhos.

